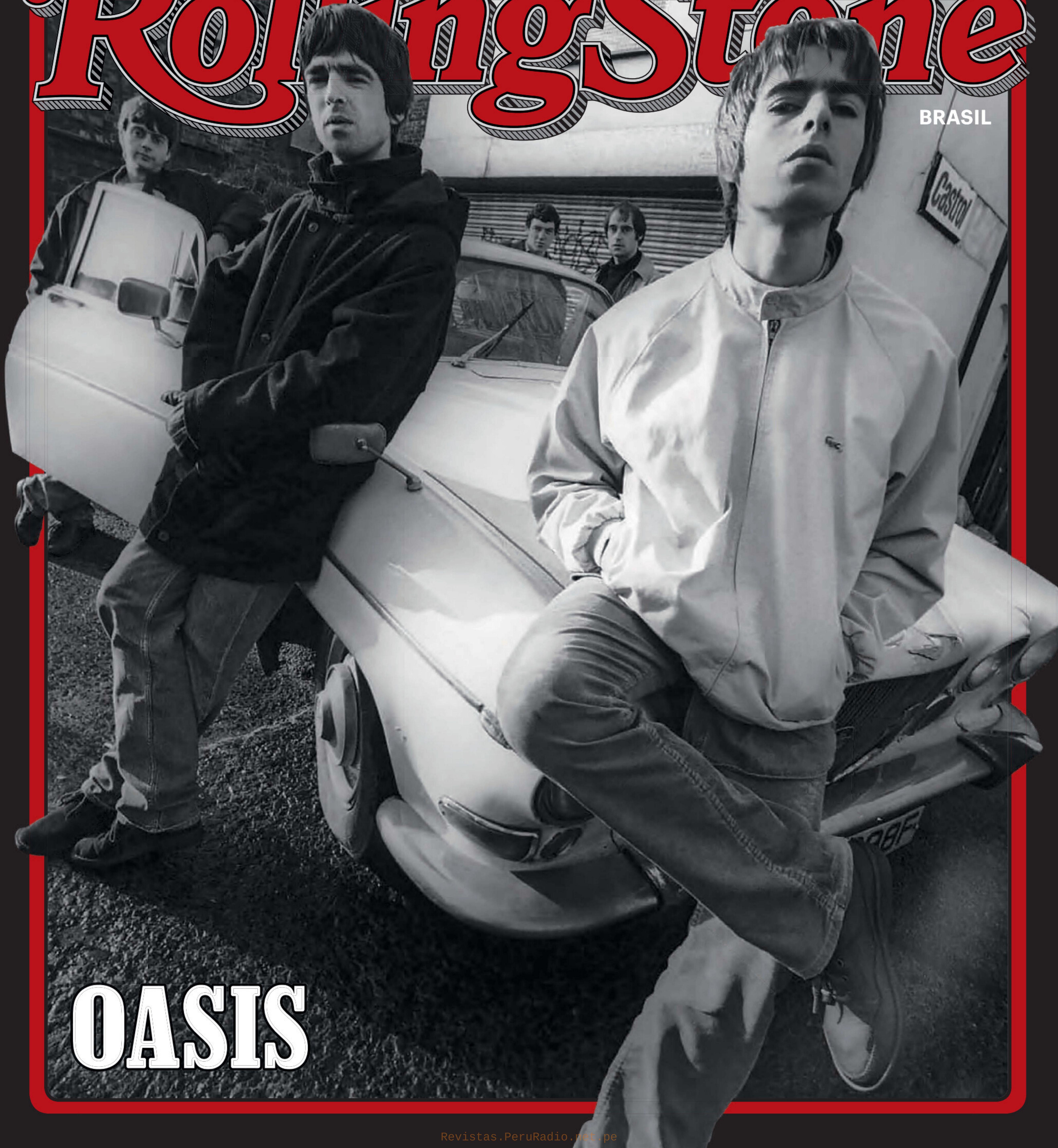


EDIÇÃO DE COLECCIONADOR

Rolling Stone

BRASIL



OASIS

SUMÁRIO

Rolling Stone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, CHAIRMAN AND CEO
GEORGE GROBAR, PRESIDENT
DEBASHISH GHOSH, MANAGING
DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS
GURJEET CHIMA, VICE PRESIDENT,
INTERNATIONAL MARKETS

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, CHIEF EXECUTIVE OFFICER
SEAN WOODS, EXECUTIVE EDITOR
LISA TOZZI, EXECUTIVE DIGITAL DIRECTOR
JOSEPH HUTCHINSON, CREATIVE DIRECTOR
MARIA FONTOURA, DEPUTY EDITOR
BRIAN SZEJKA, PUBLISHER, EVP, HEAD
OF GLOBAL BRAND PARTNERSHIPS
JESSICA GRILL, ASSOCIATE PUBLISHER

JANN S. WENNER, FOUNDER

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, PUBLISHER

ADEMIR CORREA, DIRETOR DE CONTEÚDO

FELIPE GRUTTER, EDITOR

FELIPE FIUZA, DIRETOR DE ARTE

DANIELA SWIDRAK, GABRIELA
NANGINO, GIOVANA LAURELLI,
IGOR MIRANDA, REDAÇÃO

EMERSON CAÇÃO, TRATAMENTO DE IMAGEM

CONCEIÇÃO AUGUSTO, DANIELA ALMEIDA,
TÂNIA MACENA, EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS

MARLEY GALVÃO, EVENTOS



CAPA E CONTRACAPA
FOTO: JAMES FRY/
GETTY IMAGES



Copyright © 2025 por Spring Publicações
Ltda. Todos os direitos reservados. A
reprodução sem permissão do conteúdo
total da revista ou de qualquer uma de suas
partes é proibida. O nome Rolling Stone
e o logotipo são marcas registradas por
Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi
concedida à Spring Publicações Ltda.

04

ARQUIVO RS: GAROTOS PROBLEMA

Relembre a matéria de
capa do Oasis de maio
de 1996 na *Rolling Stone*

56

FIGHT!

Separamos algumas das brigas
mais memoráveis, hilárias e
inacreditáveis dos irmãos



EDITORIAL

ESPÍRITO INDOMÁVEL

O que faz uma banda estourar, permanecer e se tornar interessantíssima para outra geração não é exatamente uma fórmula matemática. Mas é um jeito único de capturar o Zeitgeist, fazer parte dele e transformá-lo em buscas universais atemporais em diferentes décadas. E um faro bastante apurado para envenenar a monotonia da indústria dos charts, apresentando, dentro e fora dos palcos, obra e atos duradouros. Assim é o Oasis.

A reputação dos irmãos Noel e Liam Gallagher como os bad boys do rock & roll — com inclinação para bebida, drogas e destruição de hotel — os transformou em lendas do Britpop quase que instantaneamente unindo música-hino e atitude de mau exemplo — ou apenas autenticidade como dizem alguns. “Tudo o que é escrito na imprensa é 90% fato e 10% exagero”, disparou Noel em sua primeira entrevista à *Rolling Stone*. “Acho bom ser um pouco perigoso”, acrescentou Liam.

Neste especial do Oasis, revisitamos músicas e brigas clássicas dos Gallagher e refizemos a trajetória de “Wonderwall”, um hino que desperta mixed feelings em Noel. Nossa Lista *Rolling Stone* traz 40 hits emblemáticos comentados do grupo e ainda analisamos o impacto do Oasis na moda e estilo. “Provavelmente vou ser desmascarado daqui 15, 20 anos”, já disse Noel.

FELIPE GRUTTER E ADEMIR CORREA,
EDITORES

12

ROCK GOL

O dossiê do impacto do Oasis na moda com o blockcore

18 DISCOGRAFIA COMENTADA

Dissecamos os 7 álbuns de estúdio do grupo



28 OS PODEROSOS LADOS B

Nem só de hits mundiais vive uma banda de sucesso



32 LISTA RS

As 40 melhores músicas segundo a *Rolling Stone*



46 WONDERWALL

O último clássico do rock

52 CONEXÃO BRASIL

As visitas de Noel e Liam ao Brasil em suas aventuras solo

GAROTOS PROBLEMA

Atravessando o Atlântico com um disco saído do forno,
dois irmãos em conflito e atitude de sobra

Por **Jason Cohen***

Oasis começava todos os shows com uma declaração ousada: “Tonight, I’m a rock & roll star” (“Hoje à noite, sou uma estrela do rock & roll”). Mas, naquela noite, diante de um público lotado no lendário Stone Pony, em Asbury Park, Nova Jersey, eles não receberam exatamente um tratamento de estrela. Antes mesmo da banda começar a tocar, um grito encharcado ecoou do fundo do local esgotado: “Fuck Great Britain! England sucks! USA!” (“Foda-se a Grã-Bretanha! A Inglaterra é uma droga! EUA!”). Logo após a primeira música, o grupo foi rudemente interrompido por uma lata de cerveja. O projétil de alumínio, meio trêmulo, acertou em cheio o peito do guitarrista Noel Gallagher com um baque, borrifando sua Les Paul com espuma pegajosa.

FOTO: MICHEL LINSSEN/REDFERNS

Apesar das
constantes
brigas, Noel e
Liam Gallagher
formaram uma das
maiores bandas do
rock dos anos 1990



Liam Gallagher:
“Ser eu mesmo
me mantém com
os pés no chão”



NO THE WATER RATS
Da esq. para dir.: Paul
"Bonehead" Arthurs,
Tony McCarroll,
Liam Gallagher e
Noel Gallagher

"Idiotas, idiotas, idiotas", declarou o vocalista Liam Gallagher, irmão de Noel. "Cadê você? Quero ver sua maldita cara". Liam, famoso pelas sobranças impecáveis e o ar gélido e estático, estava, naquele momento, pronto para pular do palco e se apresentar de maneira mais direta. Só as barreiras de madeira na frente do palco o impediram de atacar. "A gente não toca para gorilas", acrescentou Noel. Ele não estava com paciência para esse tipo de coisa, nem o resto da banda, que incluía o segundo guitarrista Paul "Bonehead" Arthurs, o baixista Paul McGuigan e o baterista Tony McCarroll. Naquela noite, Oasis estava inquieto, sofrendo com o fuso horário e, é seguro dizer, bêbado. A Budweiser de cortesia parecia fraca em comparação com as libações habituais de destilados e cervejas fortes, mas eles pareciam compensar priorizando quantidade em vez de qualidade.

Se seguisse seus instintos, Noel Gallagher teria provavelmente saído do palco sem olhar para trás — e sem oferecer reembolso. No passado, Oasis já havia abandonado shows diante de comportamento assim. Talvez soubessem que havia muita gente ali que realmente queria vê-los. O estilo agressivo e direto de pop britânico da banda começava a conquistar

**"SE A GENTE NÃO
ESTIVESSE NUMA BANDA,
A GENTE BRIGARIA EM
CASA. SE TIVÉSSEMOS
UMA QUITANDA, A
GALLAGHER'S
GREENGROCERS, A
GENTE IA DISCUTIR
SOBRE COMO ARRUMAR
AS MAÇÃS OU AS
MALDITAS PERAS"**

Liam Gallagher

público, em grande parte graças ao sucesso crescente de "Live Forever". Esse hino de rock, sonhador e de andamento médio, parecia feito para ser cantado em coro, tanto por multidões unidas quanto por motoristas solitários com o rádio no máximo.

Então, Oasis seguiu em frente. Para Liam, "seguir em frente" significava brandir as cinco pontas do seu pandeiro em forma de estrela como uma arma; apontar para o próprio peito, como quem diz "venham me pegar, seus idiotas"; sacudir o punho repetidamente para vários fãs que surfavam a plateia; e cantar versos inteiros com a mão erguida em um permanente gesto britânico de dois dedos — a versão local do nosso "dedo do meio". Parte do público respondeu com o tradicional dedo americano.

Enquanto Liam se enfurecia e se exibia, seu irmão mais velho apenas fervia por dentro. "Vocês não nos merecem", rosnou Noel. Suas palavras de despedida naquela noite, ditas de uma vez só e com absoluto desdém, foram: "Thank you. Fuck you." ("Obrigado. Vão se foder.") Não houve bis.

A reputação do Oasis como bad boys do rock & roll, com inclinação para bebida, drogas e destruição de propriedade — sem falar nas

ocasionais brigas entre irmãos — entrou para a lenda do Britpop quase instantaneamente. Antes mesmo de lançar *Definitely Maybe* (1994), seu álbum de estreia, a banda já havia sido expulsa à força tanto de uma balsa holandesa (após uma rápida turnê) quanto do terreno sagrado de Stonehenge. Na ocasião da primeira capa da *New Musical Express*, o grupo destruiu o bar de um hotel, deixando para trás um cenário de garrafas quebradas e uma piscina cheia de móveis. “Aqueles janelas de vidro temperado parecem dizer: ‘Jogue uma cadeira em mim!’”, exclamou Noel no meio daquele caos. Talvez tenha algo no Oasis que também parecia dizer: “Arremesse uma lata em mim!”

Um ano depois, Noel Gallagher se sentava calmamente em um canto vazio do lounge do sofisticado Hotel Macklowe, em Nova York. É meio-dia em ponto, o primeiro drink do dia está em mãos, e Noel minimiza o passado turbulento da banda — embora também não o negue. “Tudo o que é escrito na imprensa é 90% fato e 10% exagero”, ele diz. “É mais fácil escrever que você estava de meia vermelha ou que usa drogas”.

Ainda assim, Oasis participava de bom grado da criação desse mito. “É interessante para os garotos lerem”, fala Noel. “Contanto que percebam que existem grandes músicas. Nossa atitude e o ‘espírito rock & roll’ não vendem discos — podem ajudar no começo, mas não sustentam nada. É como os Rolling Stones, que eram vistos como super rock & roll quando começaram e sempre eram presos. Mas o motivo de eles serem uma grande banda não é porque Mick e Keith foram detidos, e sim porque escreveram ‘Jumpin’ Jack Flash’. É a música que fica.”

Mas, para fazer justiça tanto aos Rolling Stones quanto ao Oasis, a atitude é parte do que torna uma banda grande. Talento e execução levam até certo ponto; visão e química, um pouco mais; mas o verdadeiro “espírito rock & roll” faz diferença — não como algo separado da música, mas como a própria força que lhe dá vida: insolência livre e grandiosidade desmedida, um espírito indomável que explode, sonha e cospe na cara da monotonia. Muitas das letras de Noel Gallagher giram em torno de fantasia, fuga e possibilidades infinitas: “I’d like to be somebody else” (“Eu gostaria de ser outra pessoa”); “tonight I’m a rock & roll star” (“hoje à noite sou uma estrela do rock & roll”); “we’ll find a way of chasing the sun” (“vamos encontrar um jeito de perseguir o sol”); e, claro, “you and I are gonna live forever” (“você e eu vamos viver para sempre”).

“Acho bom ser um pouco perigoso”, disse Liam Gallagher. “Tem mais garotos saindo por aí dizendo: ‘Que se dane, posso ter o que eu quiser da vida’, e isso significa literalmente qualquer coisa”.

Assim como o irmão, Liam bebe Jack Daniel’s com Coca-Cola (“é remédio”), e está sentado à mesma mesa. Algumas horas se passaram naquela mesma tarde, já que os irmãos Gallagher não concedem mais entrevistas juntos. Eles costumavam dar, mas, com frequência, ao discordarem durante a conversa, acabavam rolando pelo chão, trocando socos, enquanto o repórter continuava tomando notas. Eles tentavam ficar fora do caminho um do outro — tanto que, nos dois dias seguintes, mal trocaram uma palavra.

Explosões acontecem. Chuck Cleaver, da banda Ass Ponys, testemunhou uma delas quando seu grupo tocou com o Oasis em Memphis, Tennessee. “Eles estavam autografando um pôster para um fã”, conta Cleaver, “e o Liam assinou: ‘Do astro do palco’. Aí o irmão

“ACHO BOM SER UM POUCO PERIGOSO. TEM MAIS GAROTOS SAINDO POR AÍ DIZENDO: ‘QUE SE DANE, POSSO TER O QUE EU QUISE DA VIDA’, E ISSO SIGNIFICA LITERALMENTE QUALQUER COISA” *Liam Gallagher*

dele escreveu: ‘Do dono do astro do palco’.” Na cena seguinte, Cleaver já estava se abaixando para se proteger: “Liam ficou irritado e atirou uma cadeira no [Noel]; ele gritava ‘wanker!’ e ‘cheeky bastard!’”

Liam recebe toda a atenção de símbolo sexual e estrela pop da banda, mas é pouco creditado como músico; Noel é celebrado como o artista e visionário. Mas os dois juram que isso realmente não importa. “É só eu e meu irmão brigando numa banda”, comentou Liam. “Se a gente não estivesse numa banda, a gente brigaria em casa. Se tivéssemos uma quitanda, a Gallagher’s Greengrocers, a gente ia discutir sobre como arrumar as maçãs ou as malditas peras”.

Para Noel Gallagher, tudo se resume aos Beatles. Ele tinha 13 anos quando seu pai, DJ de música country & western, comprou-lhe o

primeiro violão. “Ticket to Ride” foi a primeira música que ele aprendeu a tocar — “ainda não sei a letra”, brincou. A partir daí, não havia mais nada na vida dele. Certamente não a escola. “Assim que aprendi a ler e escrever, parei de ir na maior parte do tempo”, relembrou Noel. “Nem sei soletrar, mas quem precisa soletrar? Não tinha nada ali para o músico que eu era”.

Por mais de dez anos, porém, o talento musical de Noel ficou restrito a ele mesmo. Ele passava o tempo em casa compondo ou vagando por Manchester, na Inglaterra, se metendo em encrenca — cheirando cola ou cometendo pequenos delitos. “Ele sempre escreveu boas músicas, mas não tinha banda”, explicou Liam. O caçula também teve uma juventude inquieta: jogava um pouco de futebol e matava aula com frequência. Por volta de 1985, os pais se divorciaram e os irmãos nunca mais tiveram contato real com o pai. “Ele é um idiota”, afirmou Liam. “A última vez que o vi foi numa fila do seguro-desemprego, quando eu estava assinando os papéis, e ele estava [na fila] na minha frente”.

Ao contrário de Noel, Liam nunca se interessou por música — até 1989, quando Manchester, liderada por Stone Roses e Happy Mondays, virou Madchester, a cena musical mais quente do Reino Unido, tão louca, prolífica e importante quanto Seattle foi para os EUA alguns anos depois. Todas as noites, os dois irmãos estavam no clube Hacienda, epicentro de rock, dança e ecstasy. Então Noel deu seu primeiro passo rumo ao rock & roll, embora um tanto tímido: tornou-se roadie da banda Inspiral Carpets e viveu na estrada por alguns anos.

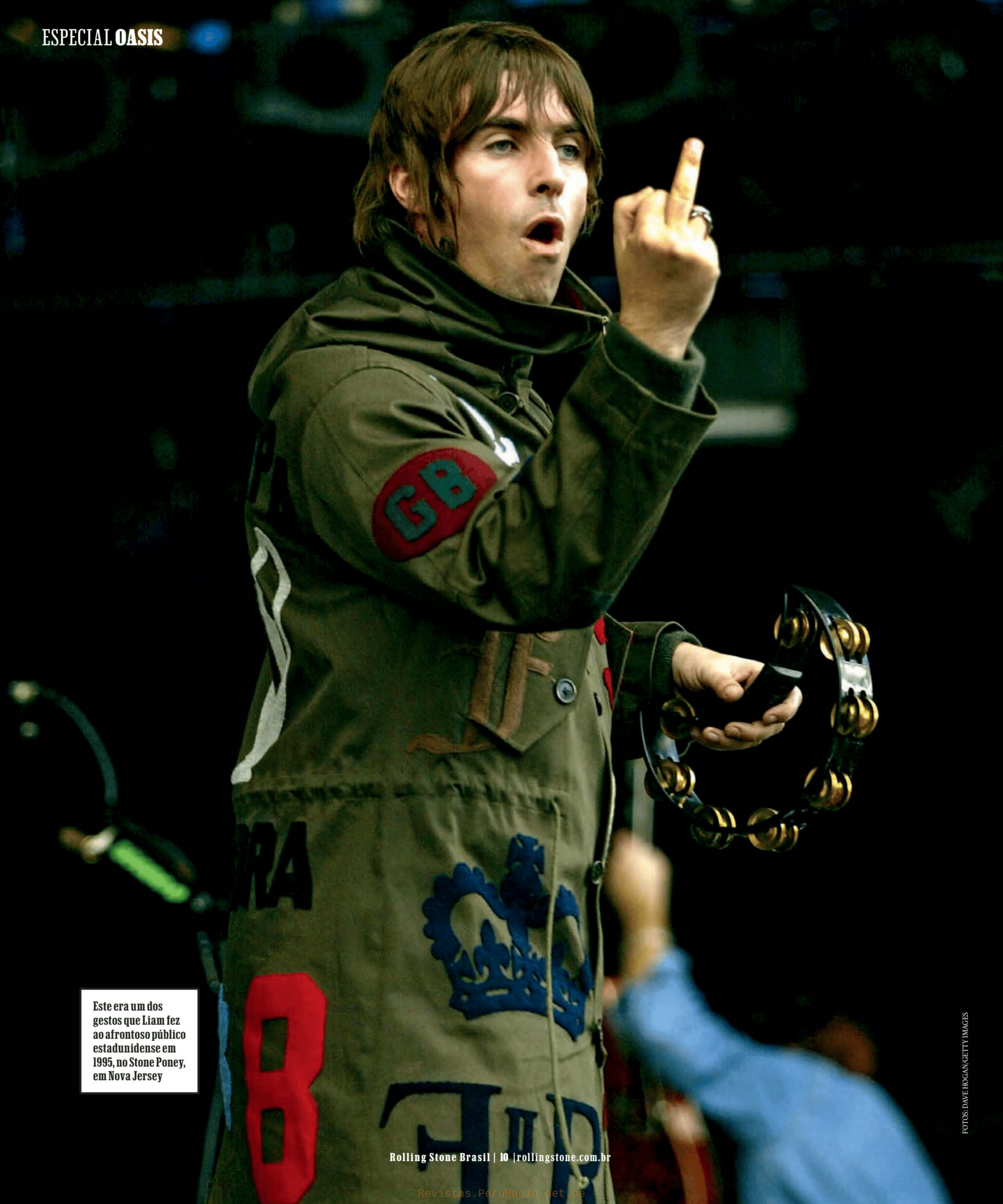
Na ausência de Noel, Liam acabou revivendo a mais clássica das histórias do rock & roll. Como explica Paul “Bonehead” Arthurs: “A gente não tinha porcária nenhuma para fazer.” Bonehead — apelido que pegou quando era um menino católico irlandês de cabelo raspado nos anos 1970, que contrastava com os hippies cabeludos — diz: “Ou a gente montava uma banda, ou ficava bêbado toda noite.” Ou os dois.

O único problema é que a banda não era boa. Quando Noel voltou de uma turnê pelos EUA, também achou o Oasis uma porcária. Mas ficou surpreso ao descobrir que seu irmão encenqueiro tinha um vozeirão empolgante. Ele topou entrar como guitarrista principal e compositor, basicamente dizendo, segundo Noel lembra: “Só posso fazer isso de um jeito: com controle total meu.”

Apesar de parecer uma típica história de sucesso instantâneo, Oasis passou bons dois anos em ensaios intensivos — até que tudo na banda estivesse no mesmo nível da habilidade de composição que Noel desenvolveu ao longo dos anos. Aí, sim, veio o “sucesso da noite para o dia”. A história, supostamente,



Liam lembra último encontro com seu pai: "Ele é um idiota. A última vez que o vi foi numa fila do seguro-desemprego, quando eu estava assinando os papéis, e ele estava [na fila] na minha frente."



Este era um dos gestos que Liam fez ao afrontoso público estadunidense em 1995, no Stone Poney, em Nova Jersey

é mais ou menos assim: o grupo foi de carro até um clube em Glasgow, na Escócia, onde forçou entrada na programação de uma noite que reunia bandas menores da gravadora independente britânica Creation Records — ameaçando incendiar o local. No meio da cover de “I Am the Walrus”, já parte do repertório padrão deles, o fundador da Creation, o escocês Alan McGee, invadiu o palco e insistiu em contratá-los.

A verdade é só um pouco menos lendária. Noel esclarece: “[McGee] não pulou no palco. A gente não ameaçou botar fogo em nada. Ele veio falar comigo assim que saímos do palco e perguntou se queríamos um contrato. Perguntamos: ‘Com quem?’, e ele disse: ‘Creation’. Então respondemos que sim. Ficou acertado que assinaríamos naquela noite, mas só assinamos dois ou três meses depois.”

O álbum resultante, *Definitely Maybe*, tornou-se o disco de estreia de venda mais rápida da história do Reino Unido. Após o público britânico celebrar o grunge, no auge do Nirvana em 1992, o rock & roll britânico voltou a abraçar sons e estilos genuinamente ingleses. Comparados a contemporâneos como o pop refinado do Blur ou o rock art grandioso do Suede, Oasis soa como um classicista do rock & roll. Eles são chefs pós-modernos imaginativos, misturando influências de Small Faces, Mott the Hoople, Badfinger, The Clash, T. Rex e The Jam, além de Beatles e Stones. Tudo temperado com pitadas de punk, groove Madchester e a visão pessoal e peculiar de Noel Gallagher. Há também uma dose deliberada de travesura: “Shakermaker” cita “I’d Like to Teach the World to Sing” (também conhecida como “I’d Like to Buy the World a Coke”), dos New Seekers; “Cigarettes and Alcohol” pega emprestado sem cerimônia o riff de guitarra de “Bang a Gong”; e “Fadeaway” (uma das melhores faixas fora de álbuns da banda) recria “Freedom”, do Wham!, como um hino punk.

Mas a banda que Oasis realmente evoca é The Who. “Pete Townshend é o único cara com quem eu me identifico”, disse Noel, “porque ele escrevia todas as músicas e letras, cantava backing vocals e dava para outra pessoa cantar — e é exatamente isso que eu faço. E, em particular, a gente também não se dá bem com nossos vocalistas”.

No palco, The Who era exagerado, puro entretenimento rock & roll, enquanto Oasis adotava uma postura quase apática. Liam fica parado em frente ao microfone, geralmente com as mãos para trás, e só. O resto da banda é ainda menos animado — um contraste completo com o impacto arrebatador da parede de som incandescente que eles criam.

Liam faz careta enquanto Noel toca guitarra em show de abertura para o U2, por volta de 1997



A coisa engraçada é que Liam Gallagher é tudo o que um frontman hypado deve ser — contanto que ele não esteja realmente se apresentando. Fora do palco, ele é solto, travesso e francamente inquieto, dançando ao som de músicas só na cabeça. É infinitamente entusiasmado — no fundo, é apenas um garoto, em constante movimento e sempre dizendo coisas como “I’m mad for it” e (desde que viu *O Máskara*) “Smokin!”

Quando Liam voltou para Manchester, finalmente saiu da casa da mãe; sempre que a imprensa escrevia sobre as drogas ou as brigas, ela dava uma boa bronca nos garotos. Isso é o bastante para manter uma estrela do rock com os pés no chão, embora ele não curta muito essa ideia. “Ser eu mesmo me mantém com os pés no chão”, cantou Liam. “Ser Liam Gallagher me mantém com os pés no chão”.

Por enquanto, de qualquer forma. Oasis pode ser a primeira banda britânica em tempos a fazer um impacto real nas antigas colônias. (Bush não conta porque ninguém nunca ouviu falar deles na Inglaterra.) “Live Forever” estava em toda parte na MTV, o álbum subia no Top 200 da *Billboard*, e rumores sobre um lugar no Lollapalooza circulavam. Vamos parafrasear um verso do próprio Noel Gallagher (“Superso-

nic”) e aplicá-lo à situação atual do Oasis: você pode ter tudo, mas o quanto você quer isso?

“Sim, sim, eu sei, isso continua sendo jogado na minha cara”, disse Noel resignado. “Queria nunca ter escrito aquilo. Mas queremos — se estiver lá, e pudermos pegar, pegamos; e se estiver lá e tivermos que trabalhar um pouco, vamos trabalhar. Mas não vamos vir aqui vender a nossa alma só para ter um hit nos Estados Unidos. Financeiramente, sim, eu quero ser grande na América, porque isso significa que eu nunca mais vou ter que trabalhar. Mas não é tão importante para mim ser uma grande estrela. É mais importante eu ser grande na Inglaterra, porque é onde moro, de onde venho”.

De qualquer forma, Noel não espera passar o resto da vida no Oasis. “Tem outras coisas que eu quero fazer”, ponderou. “Provavelmente vou ficar sem ideias, e eu não ia continuar para sempre fazendo as mesmas coisas pelos próximos 10 anos. Prefiro ser algo especial do que me tornar só mais uma banda que continuou. O tempo dirá. Provavelmente vou ser desmascarado daqui a 15, 20 anos, dizendo o mesmo”.

“Espero morrer antes de envelhecer” ou palavras nesse sentido?

“Não”, disse Noel Gallagher. “Quero viver para sempre. Absolutamente. Sim”. ☺



O Oasis transformou peças acessíveis da moda em uniforme de rebelde

PARKAS, CHUTEIRAS & ATTITUDE

Ou como o Oasis transformou o vestuário das arquibancadas no uniforme de uma geração

Por **Daniela Swidrak**

E

m Burnage, subúrbio de Manchester, onde nada acontecia além de pubs, apostas e batatas fritas, dois irmãos irlandeses de segunda geração criaram algo que mudaria para sempre a forma como o Reino Unido se via. “Era uma cidadezinha de merda onde porra nenhuma acontece”, disse Noel Gallagher certa vez. E, talvez justamente por isso, dali nasceu o visual mais icônico da cultura britânica moderna: uma mistura de música, moda e futebol que até hoje define gerações.

Três décadas depois, Oasis não é apenas lembrado por hinos como “Live Forever” ou “Wonderwall”, mas por transformar um jeito de vestir em identidade cultural. Quando o anúncio da reunião da banda foi feito em agosto de 2024, a internet travou — e o mercado da moda também. A plataforma Depop registrou aumento de 43% nas buscas por “Stone Island”, 61% por “bucket hats” e absurdos 1850% por “parkas”. Na Jacamo, as pesquisas por jaquetas desse tipo subiram 40% no mês; camisas de futebol, 12%. O fenômeno não era nostalgia, mas uma reafirmação de pertencimento.

AUTENTICIDADE QUE NÃO SE COMPRA: O NASCIMENTO DO BRITPOP

Antes que Oasis se tornasse o rosto definitivo do Britpop, uma nova cena britânica começava a se formar no início dos anos 1990. Era uma resposta ao domínio do grunge nos Estados Unidos e ao tédio cultural deixado pela era Thatcher. Bandas como Blur, Suede, Primal Scream e Pulp abriram caminho com letras sobre o cotidiano urbano e um orgulho de ser britânico que soava quase provocador.

A Creation Records, comandada por Alan McGee, foi o motor dessa revolução. Com uma postura independente, o selo abrigou desde o noise psicodélico do My Bloody Valentine até o pop de guitarras do Oasis. A estética era simples, direta e sem glamour, mas o som e o visual se mostravam inconfundíveis.

O Britpop virou o espelho de uma nova juventude que rejeitava tanto o niilismo americano quanto o pop fabricado. E foi justamente o Oasis que levou esse espírito às massas.

O impacto estético da banda estava em como eles vestiam a própria origem. Liam Gallagher transformou a jaqueta utilitária da moda mod dos anos 1960 em símbolo de atitude contemporânea. Era uma forma de dizer que o estilo não vinha do dinheiro, mas da postura. Noel, mais contido, usava o figurino como extensão da personalidade: camisas abotoadas até o pescoço, casacos bem cortados e uma sobriedade que contrastava com a anarquia do irmão.

“Eles não estavam representando a classe trabalhadora — eles eram a classe trabalhadora”, resume Andrew Groves, professor de design de moda da University of Westminster, ao *Mr Porter*. Parkas Stone Island, jaquetas Umbro, tênis Adidas e tops de treino não eram figurinos. Eram o uniforme de quem cresceu nas arquibancadas e nos pubs.

O estilo do Oasis era acessível porque nascia de peças simples e disponíveis: parkas, jeans retos, polos Fred Perry e tênis Gazelle (Adidas). Sem grifes exclusivas e sem afetação. Um visual que qualquer um poderia usar — e, principalmente, acreditar.

Enquanto Blur brincava com a estética “escola de arte” e o sarcasmo pop, Oasis vinha do “reformatório”, como brinca Groves. Era convicção, não ironia. Essa sinceridade se refletia até nas roupas de palco: em 1996, durante um show em Manchester, Liam apareceu vestindo uma camisa de treino que achou no vestiário minutos antes de entrar. Aquilo era o Britpop em sua forma mais pura: sem planejamento, só atitude.

PEÇA POR PEÇA: O UNIFORME OASIS



Parka do Liam: casulo de arrogância com vulnerabilidade

Parka: o escudo da juventude

A parka é o símbolo máximo da estética Gallagher. Nos anos 1990, Liam apareceu em dezenas delas — verdes, azuis, laranjas, xadrez — sempre fechadas até o queixo, mesmo sob calor intenso. Em Glastonbury 2019, repetiu o gesto com uma versão xadrez da Stone Island. E no One Love Manchester, em 2017, surgiu de **parka laranja poncho**, transformando o que seria uma peça utilitária em símbolo pop.

A parka carrega herança mod dos anos 1960 — os mesmos casacos usados pelos fãs do The Who. Mas, nas mãos de Liam, ela perdeu a conotação vintage e virou armadura: um casulo que misturava arrogância e vulnerabilidade.



Para o Oasis, jeans era peça de resistência



Liam transformou o bucket hat em acessório statement

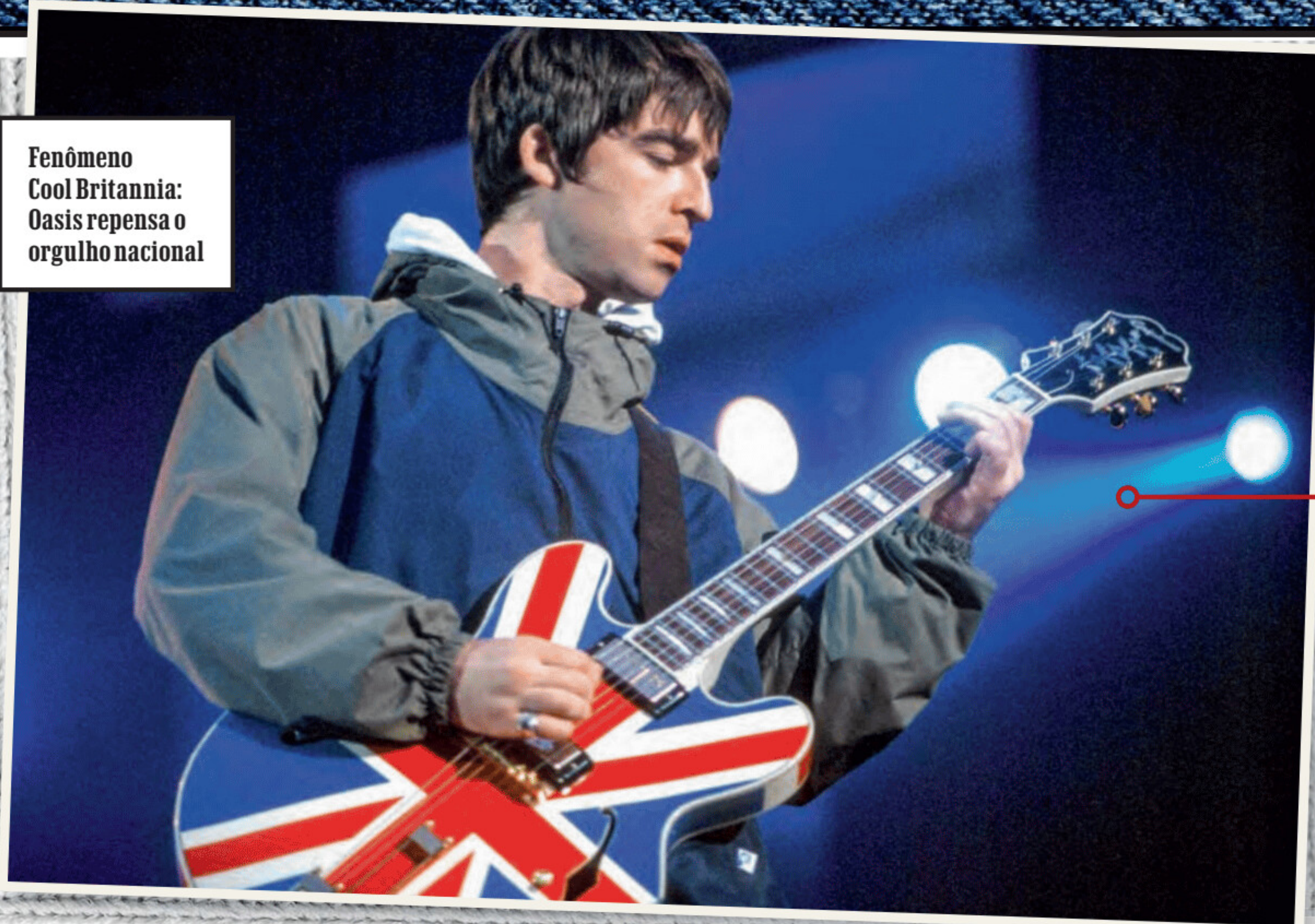
Bucket hat: do pescador ao palco

Originalmente criado para pescadores irlandeses, o bucket hat virou item obrigatório nos anos 1990 graças ao hip hop e ao britpop. Liam o transformou em ícone — e hoje o acessório é visto em Bella Hadid, ASAP Rocky e Rihanna. O modelo, que parecia deslocado no início, virou item fashion obrigatório em festivais. Acessórios definiram ainda mais sua assinatura visual. O bucket hat de Liam é instantaneamente reconhecível, assim como os óculos redondos ou com lentes coloridas que frequentemente usava. O cabelo também desempenhou um papel crucial: cortes estilo mop-top inspirados nos Beatles e costeletas exageradas contribuíram para um estilo que era retrô, mas nunca datado.

Polo e jeans: o DNA britânico

O polo, especialmente o Fred Perry, é outra peça clássica do guarda-roupa inglês. Liam o usava amarrotado, gola dobrada, sem esforço. E o jeans Levi's 504, levemente folgado, virou o padrão de uma geração que queria parecer despretentosa. Em tempos de extravagância rave, o visual “jeans + polo + parka” era quase uma resistência silenciosa.

Fenômeno
Cool Britannia:
Oasis repensa o
orgulho nacional



A bandeira e o orgulho

Nos anos 1990, o Reino Unido viveu o fenômeno *Cool Britannia*. A Union Jack estava em tudo: na capa da *Vogue*, no vestido da Ginger Spice e nas guitarras de Noel. O símbolo, que nos anos 1960 fora usado pelos Who e Sex Pistols em tom provocador, agora virava expressão de orgulho nacional. Porém, com o Oasis, o uso da bandeira misturava ironia e pertencimento. Era como dizer: “Sim, somos britânicos; e estamos reinventando o que isso significa.”

FUTEBOL: ONDE MÚSICA E PAIXÃO SE ENCONTRAM

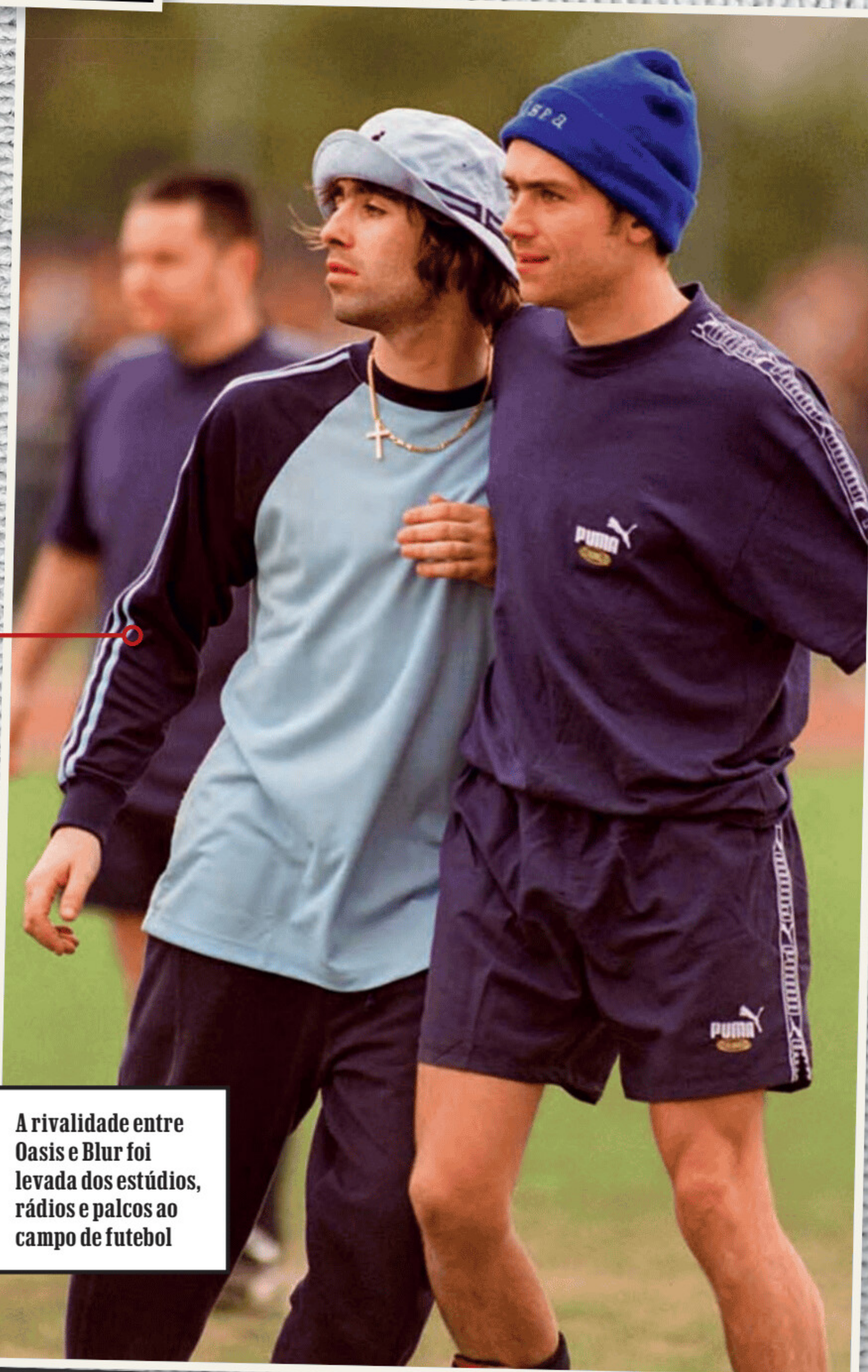
A conexão entre Oasis e futebol não era marketing. Era sangue. Noel e Liam cresceram nas arquibancadas do Maine Road assistindo ao Manchester City. O vínculo era tão natural que, em 1995, o clube chegou a convidar o Oasis para compor sua música oficial. A faixa nunca foi lançada por disputas contratuais, mas a melodia virou “Acquiesce”, um dos lados B mais cultuados da banda.

A capa de *Definitely Maybe* (1994) traz uma foto de George Best, lenda do Manchester United, por pura devoção. “Ele transcendia rivalidades”, explicou Brian Cannon, designer gráfico da Microdot, responsável pela capa e identidade visual do Oasis e The Verve. O amor de Damon Albarn pelo Chelsea Football Club colocou a ele e sua banda no coração de Londres, enquanto a paixão bem conhecida do Manchester City pela dupla Oasis é

sem dúvida o mais documentado de todos os entusiastas de esportes e celebridades no Reino Unido.

As duas bandas se enfrentaram no Derby Britpop nas paradas, com “Country House”, do Blur, derrubando a faixa “Roll With It”, do Oasis, e também em campo: As duas bandas, ao lado de uma série de outras incluindo Pulp, Reef, Dodgy e Bluetones, foram convidadas a participar da partida beneficente Soccer Six em benefício do Nordoff-Robbins Music Therapy Centre.

Como tenho certeza de que você, caro leitor, pode imaginar, e aqueles que assistiram podem atestar, a proeza futebolística em exibição foi bastante terrível. No entanto, a imagem icônica de Liam Gallagher e Damon Albarn se enfrentando adquiriu para si um lugar na primeira fila da galeria Britpop, sua natureza fornecendo aos fãs de música e futebol alimento para durar uma vida inteira.



A rivalidade entre
Oasis e Blur foi
levada dos estúdios,
rádios e palcos ao
campo de futebol



2024-2025: O RESSURGIMENTO

A volta do Oasis em 2025 não é só sobre música. É sobre estética, nostalgia e o poder de um estilo que atravessou gerações.

Antes mesmo do primeiro acorde da turnê mundial Oasis LIVE'25, o grupo já tinha lançado uma tendência: a Levi's anunciou a coleção Levi's x Oasis, parceria inédita que celebra o reencontro histórico da banda britânica e o impacto duradouro entre música e moda. A colaboração chegou às lojas em outubro, em sintonia com a turnê de reunião do Oasis por aqui. As peças mesclam a estética icônica dos anos 1990 com pegada contemporânea. Durante os shows da turnê em São Paulo, os fãs podem adquirir os produtos nos próprios estádios e, a partir de 20 de novembro, uma fan store oficial da banda abrirá no Largo da Batata, também em São Paulo, com entrada gratuita (mas com reservas antecipadas recomendadas para evitar filas).

O espaço vai reunir toda a coleção de produtos oficiais da turnê, incluindo edições limitadas, acessórios e camisetas com artes de álbuns clássicos como *Definitely Maybe* e *(What's the Story) Morning Glory?*. Em Londres, Cidade do México, Tóquio e Manchester, lojas semelhantes têm atraído filas diárias, reforçando a dimensão global da volta da banda.

Nos últimos anos, a moda em grandes turnês tem ditado tendências: a Eras Tour de Taylor Swift fez o "cowboycore" invadir o streetwear, enquanto a Renaissance Tour de Beyoncé consolidou o brilho metálico e os tons prateados. Agora é a vez do Oasis, com seu visual britpop esportivo voltando ao mainstream.

Mesmo com públicos bem diferentes, há algo em comum entre esses fenômenos: todos transformam o show em uma experiência estética completa. E se nas últimas décadas o Oasis inspirou milhões a vestir parkas, Levi's, chuteiras e óculos redondos, em 2025 eles voltam a mostrar que atitude se veste antes de subir ao palco.

Em coleção, a Levi's aposta em versões atuais dos logos icônicos do Oasis



Camisa do Manchester City em collab com Noel Gallagher e a Puma

Oasis e Manchester City: ciclo completo

Trinta anos após *Definitely Maybe*, Manchester City lançou um quarto uniforme em parceria com Noel Gallagher e a PUMA. Inspirado na capa do álbum, o kit combina tons de creme e azul-celeste, com gola polo e brasão dourado. As camisetas "Up in the Sky" e "Slide Away" reinterpretem momentos do City sob o olhar estético da banda — um golaço entre moda, nostalgia e futebol.

Antes do Oasis, o New Order já havia conectado pop e futebol com "World In Motion", mas foi o Oasis que consolidou o elo emocional. "Eles falavam sobre futebol porque amavam futebol. Era real", resume Cannon.

IMPACTO NA MODA ATUAL

Trinta anos depois, o estilo Oasis segue vivo. A Gucci e a Wales Bonner flertam com o sportswear das arquibancadas; Martine Rose mistura roupas de pub e alfaiataria; e a Levi's relançou camisetas comemorativas de *Definitely Maybe*. A Pretty Green, marca de Liam fundada em 2010, viu aumento expressivo nas vendas após o anúncio da reunião. E a French Connection relançou o suéter listrado usado por Noel em Knebworth. Até a Burberry se rendeu, com Liam e seus filhos em campanha recente. O renascimento não é coincidência. É cíclico. Gerações novas, que descobriram o Oasis via streaming, agora vestem os mesmos símbolos que moldaram os anos 90.

A DIFERENÇA ENTRE VESTIR E SER

A força do estilo Oasis está na autenticidade. Eles não tentavam parecer cool — simplesmente eram. E é por isso que, décadas depois, ainda inspiram.

O retorno da banda reacendeu o “blokecore” ou “lad style” britânico — estética que une futebol, britpop e atitude working class. Em 2025, parkas oversized voltam às ruas, agora usados por jovens que nem eram nascidos quando “Wonderwall” saiu.

“Os Gallaghers continuam a ser ícones de estilo”, dizem especialistas da *GQ UK*. A reunião da banda é mais do que nostalgia, é um lembrete de que o verdadeiro estilo não precisa de manual. Na era dos influencers, o Oasis permanece antítese da curadoria. Eles não seguiam tendências, criavam as próprias. E, quando voltam a subir ao palco, arrastam consigo toda uma estética que continua pulsando nas ruas de Manchester, Londres e além.

Então, se você tem uma parka e uma camisa do City guardada, este é o momento de tirá-los do armário. Ajuste o bucket hat, feche o zíper até o queixo e pratique o *swagger* de Liam — porque o uniforme de uma geração nunca sai de moda. Nas arquibancadas. No palco. Na rua. Definitivamente. 🍷

Oasis e o blokecore, estética que une futebol, Britpop e atitude working class



DISCOGRAFIA COMENTADA

Primera cidade industrializada do mundo, Manchester estava aos caos quando Noel e Liam Gallagher nasceram, em 1967 e 1972, respectivamente. Também encontrava-se aos pedaços o ambiente familiar no qual os dois, junto do irmão Paul, cresceram. O pai, Thomas, batia nas crianças. A decisão da mãe,

Peggy, de se separar do homem e levar os garotos consigo foi, nas palavras de Liam, “a melhor coisa que aconteceu conosco”.

O rock serviu de refúgio para o introspectivo Noel e o aparecido Liam — ainda que este só tenha se interessado pela música por volta dos 17 anos. Na arte, os dois garotos problemáticos entraram em um looping

infinito de encontros e desencontros. E a discografia do Oasis é o retrato mais fiel da complexidade desses personagens, bem como o dos instrumentistas que os acompanharam. Um catálogo recheado de altos e baixos, mas cujas imperfeições também ajudam a contar a história de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos.

Por anos, Oasis disputou a liderança do Britpop com a banda Blur

E

m agosto de 1994, poucos meses após a morte de Kurt Cobain e do colapso do grunge, Oasis lançou *Definitely Maybe*. A virada foi brutal: enquanto o título de trabalho de Cobain para o último álbum do Nirvana — que viria a ser *In Utero* — era “I Hate Myself and I Want to Die” (“Eu Me Odeio e Quero Morrer”), o maior hino dos Gallagher gritava o oposto: “Live Forever” (“Viver Eternamente”). Era como se, de repente, o rock tivesse trocado o peso da desesperança pela arrogância como combustível.

O disco surgiu em um Reino Unido entediado com guitarras tímidas e bandas indecisas. O público queria atitude, e o Oasis apareceu cuspidando confiança e cerveja morna, com refrãos que pareciam querer dominar o planeta. Em 30 de agosto de 1994, *Definitely Maybe* chegou às lojas após os singles “Supersonic”, “Shaker-maker” e “Live Forever” e foi direto ao topo das paradas britânicas, tornando-se o álbum de estreia mais vendido da história do Reino Unido até então. Era o início oficial do Britpop como movimento e da era em que os Gallagher falariam mais alto que qualquer um.

The Guardian cravou que o disco era “pop de guitarra destilado em sua forma mais simples e infecciosa” e estava certo. Era uma coleção de faixas que soavam familiares e novas ao mesmo tempo, tipo Beatles com ressaca e atitude de Sex Pistols. O álbum tinha fome, insolência e um otimismo quase ingênuo.

A criação do disco foi caótica, sem um produtor fixo e com gravações recomeçadas mais de uma vez. Só quando o engenheiro Owen Morris entrou em cena é que as coisas se encaixaram, ou, melhor, explodiram. Ele limpou o excesso de guitarras de Noel, cortou trechos inteiros e deu ao som um empurrão de pura urgência. O resultado foi um álbum que soava maior do que o próprio estúdio: denso, sujo, glorioso.



DEFINITELY MAYBE 1994

Parte dessa textura também veio da engenheira de som Anjali Dutt, que havia trabalhado em *Loveless* (1991), do My Bloody Valentine. Sua experiência trouxe ao disco uma camada quase shoegaze de densidade e ambiência. E as referências não param por ali, o álbum também carrega ecos do *A Storm in Heaven*, do The Verve, lançado um ano antes. Durante a turnê conjunta das duas bandas, no fim de 1993, Noel “pegou emprestado” o título “Slide Away” e algumas ideias de textura de guitarra encharcadas de eco. Essas influências moldaram o som expansivo e quase espiritual que o Oasis transformou em pura ambição de estádio.

Apesar de todo o caos que se seguiria (brigas, manchetes e egos fora de controle), *Definitely*

Maybe segue como um retrato limpo de uma banda faminta e em formação. Antes da superexposição, antes do Blur, antes das quedas de braço e dos voos privados, havia só o desejo brutal de ser ouvido. Noel Gallagher resumiu: “Eu basicamente disse tudo o que queria em ‘Rock ‘N’ Roll Star’, ‘Live Forever’ e ‘Cigarettes & Alcohol’. Depois disso, só me repeti, mas de formas mais caras”.

Três décadas depois, *Definitely Maybe* segue atual, insolente e imortal. Foi o disco que devolveu o orgulho a um país e o brilho às guitarras. Um grito de juventude, um manifesto de quem se recusa a ser pequeno, encapsulando a ambição desmedida de uma geração que acreditava que podia, sim, ter tudo. Não era imaginação, eles encontraram algo pelo qual valia a pena viver. — DANIELA SWIDRAK



(WHAT'S THE STORY) MORNING GLORY?

1995



erta vez, Noel Gallagher definiu (*What's the Story*) *Morning Glory*? de forma precisa: “Esse disco é sobre sair da merda de Manchester [cidade onde o grupo nasceu]. *Definitely Maybe* é sobre sonhar em ser um pop star em uma banda. *Morning Glory* é sobre ser um popstar em uma banda”. Em seu segundo álbum de estúdio, Oasis elevou seu patamar de modo tão consciente que chega a ser assustador.

Não que o trabalho de estreia fique muito atrás. Impressiona pensar que o grupo tenha feito canções como “Supersonic” e “Live Forever” logo de cara. Mas há uma ambição adicional em (*What's the Story*) *Morning Glory*?, motivada talvez pelo desejo de nunca mais voltar para a “merda de Manchester”. Algo que os hits “Wonderwall” e “Don’t Look Back in Anger” garantiram com folga.

Morning Glory marca a primeira e uma das mais importantes mudanças de formação no Oasis. Após brigas, Tony McCarroll — que tocou apenas em uma faixa do disco, “Some Might Say” — deixou o banquinho da bateria, ocupado a partir daí por Alan White, por anos o único nativo do sul inglês, enquanto todo o resto vinha de Manchester. A diferença em performance é nítida, pois White, recomendando a Noel por Paul Weller, já acumulava larga experiência. Ajudou a colocar o grupo em outra prateleira a nível musical.

Weller, diga-se, tem papel central no disco não apenas pela indicação do batera. O guitarrista da The Jam e amigo dos caras fez participação em “Champagne Supernova”, contribuindo com solo, além de ter ficado a cargo da gaita nas faixas instrumentais conhecidas como “The Swamp Song”. “Graças a Deus ele tocou em ‘Champagne Supernova’”, admite Noel. “Estava pedindo um solo e o meu era péssimo”.

Por um lado, havia caos. O rompimento com McCarroll era a ponta do iceberg de rachaduras internas. Noel saiu da banda rapidamente ainda na turnê de *Definitely Maybe* e Liam Gallagher admitiu ao *Sunday Times*, em 1996, que já pensava em deixar o grupo naquela época. Fora o desgaste da feroz Batalha do Britpop, nome dado ao episódio de rivalidade em que Oasis (com “Roll with It”) e Blur (com “Country House”) disputaram, sob intensas trocas de farpas, o topo da parada de singles britânica — curiosamente vencido pela segunda banda.

Por outro, o co-produtor Owen Morris garante: as sessões de gravação de *Morning Glory* foram “as melhores, mais fáceis, mais felizes e mais criativas” em que ele já trabalhou. Dá para perceber no resultado final.

Sonoramente, este álbum chama atenção por adotar deliberadamente a técnica de estúdio de *brickwalling*, onde o volume do áudio de cada canal de gravação é elevado a níveis

“ENTENDO POR QUE 22 MILHÕES DE PESSOAS COMPRARAM ESSE DISCO. AGORA ENTENDO POR QUE ESSE ÁLBUM MEXE COM A MOLECADA DE 14 ANOS HOJE”

Noel Gallagher

estratosféricos, com auxílio de compressores, para padronizar a audição. Até mesmo aquele instrumento que foi tocado com sutileza passa a estar “na cara” do ouvinte. Seria o início da famosa *loudness war*?

Fato é que, apesar das ressalvas até de Noel nesse quesito técnico, o disco soou e ainda soa bem. Envelheceu como um clássico. A abordagem de produção reforçou a aura grandiosa adotada pelas composições, mais melodiosas e ligeiramente experimentais pelo uso de arranjo de cordas, mas sem abdicar dos refrões fortes. É menos cru, mais arquitetado. Ao conceber o material, o Gallagher mais velho — que frequentemente afirma não ser um compositor genial e sim um “fã copião” — passou por etapas diversas da música britânica. Muito além de Beatles: os diálogos e menções vão de Stone Roses a Mott the Hoople, de Small Faces à contemporânea/amiga The Verve, de T. Rex a The Smiths... do glam setentista ao shoegaze oitentista, o caldeirão de influências borbilhava.

Os números refletem o acerto artístico. (*What's the Story*) *Morning Glory*? bateu o recorde histórico de vendas de primeira semana no Reino Unido, com 345 mil cópias em apenas sete dias. A estratégia de lançar dois singles e a citada Batalha do Britpop pareciam ter surtido efeito. Nos Estados Unidos, chegou à quarta posição da parada nacional, o que se provou um diferencial: por lá, acredite, Oasis é a “banda de ‘Wonderwall’”. Mundialmente, estima-se que *Morning Glory* tenha mais de 22 milhões de unidades comercializadas desde então.

Morning Glory adquiriu força similar até no streaming, décadas depois. Este álbum, em sua versão remasterizada e expandida, está entre os 10 trabalhos de rock mais ouvidos em todos os tempos no Spotify, com mais de 5 bilhões de streams acumulados. “Wonderwall”, com 2,5 bi, e “Don’t Look Back in Anger”, com 1,2 bi, puxam a fila. A força atemporal do Oasis, em especial desse disco, é diretamente responsável pela turnê de reunião iniciada em 2025.

Como explicar tamanho apelo de (*What's the Story*) *Morning Glory*? Se este texto não permitiu chegar a alguma conclusão, o jeito é recorrer à justificada falta de modéstia de Noel Gallagher. Em 2020, ao ser levado a ouvir o álbum pela primeira vez em anos, o guitarrista declarou: “Entendo por que 22 milhões de pessoas compraram esse disco. Agora entendo por que esse álbum mexe com a molecada de 14 anos hoje. Não há muitas bandas fazendo algo assim agora. Até as bandas que usam guitarras não fazem coisas assim. Percebi isso hoje pela primeira vez em 25 anos”. — IGOR MIRANDA

Noel Gallagher não gosta de *Be Here Now*:
“Olha, eu compus a porra toda, então sei quanto esforço coloquei — e não foi muito”

Oasis deu uma lição na imprensa com *Morning Glory*, um clássico que teve recepção negativa da crítica. Cientistas do equívoco, jornalistas viram o disco seguinte com benevolência. Mostraram não ter aprendido com o erro. *Be Here Now* é cheio de falhas. Ambicioso demais. A lenda de Ícaro em forma de música.

A história começa com um bloqueio criativo de Noel Gallagher, só revertido durante um período de férias pré-shows no Knebworth, em 1996. Também envolve treta: com o material composto, o guitarrista decidiu, de novo, deixar o Oasis em meio a brigas com Liam Gallagher. Mais uma vez, mudou de ideia rapidinho. E a fragilidade interna era tamanha que, após a reconciliação, o grupo se enfurnou em estúdio para gravar o que se tornaria *Be Here Now*. Dá um tempo, sabe?

Este disco ainda simboliza o auge do uso de cocaína por parte dos músicos e equipe. Diante de tudo isso, surgiu o conceito de fazer um álbum “colossal”, de som e proposta ainda mais grandiosos que o anterior. Noel chegava a gravar a mesma linha de guitarra em 10 canais diferentes. É como se todo mundo estivesse gritando contigo ao mesmo tempo.

O hit “Stand By Me” e a delicada “Don’t Go Away” são raros destaques em um disco que, no fim das contas, ficou inchado. Seja em sonoridade, seja em extensão: são 12 faixas, a maioria ultrapassando os 5 minutos de duração e não provando o motivo disso.

Embora Liam defenda o resultado — “só acho um pouco longo” —, Noel é crítico e toma para si a culpa. “Só na turnê que percebi: esse disco não funciona nem fodendo”, disse ao *NME* em 2020. “Pessoas brigam comigo dizendo adorar o álbum. Respondendo: ‘Olha, eu compus a porra toda, então sei quanto esforço coloquei — e não foi muito’. Em outra ocasião, admitiu: teria sido melhor lançar as faixas do álbum de B-sides *The Masterplan* em vez dessas.

Ao menos inicialmente, nada disso importou para o público. *Be Here Now* teve 663 mil cópias vendidas na primeira semana no Reino Unido — recorde que só seria quebrado por Adele com 25 (2015). Nos EUA, chegou ao segundo lugar da parada de discos, mas com “apenas” 150 mil unidades comercializadas, frente às 400 mil esperadas pela gravadora. Hoje, totaliza 8 milhões de cópias, mas é visto como um fracasso. Até os flops do Oasis são exagerados. — I. M.



BE HERE NOW

1997



STANDING ON THE SHOULDER OF GIANTS

2000

A efervescência mainstream da década de 90 foi cruel com o tropeço do Oasis em *Be Here Now*. Quando eles retornaram após um 1998 de descanso e um 1999 discreto em estúdio, o Britpop, que perdia espaço progressivamente, já havia cedido ao eletrônico, ao pop das boybands e ao nu metal.

Os dilemas internos também cobraram seu preço. Dois membros fundadores deixaram o grupo naquele período: o guitarrista Paul “Bonehead” Arthurs e o baixista Paul McGuigan, substituídos, respectivamente, por Gem Archer e Andy Bell. A função de produtor saiu das mãos de Owen Morris — outro que, junto a Noel, admitiu suas falhas em *Be Here Now* — e passou para Mark “Spike” Stent. Era um Oasis muito diferente. Até a cocaína pulou fora da vida de Noel.

Assim nasceu *Standing on the Shoulder of Giants*, um trabalho de abordagem psicodélica, experimental e enxuta. Abaixaram o volume da guitarra e a colocaram junto de samples, loops de bateria, instrumentação invertida, sintetizadores, instrumentos típicos da Índia e mais. Seria o *Revolver* / *Sgt. Pepper's* dos irmãos Gallagher?

Não é para tanto, até por estar longe de ser unanimidade. Fãs acostumados com a sonoridade mais ardida do Oasis não veem *Standing* com bons olhos. Todavia, não deixa de representar uma importante transição para um grupo que precisava se renovar. No aspecto criativo, até mesmo Liam se propôs a ajudar, compondo sua primeira canção para a banda: a bela “Little James”, um dos destaques ao lado do hit-single “Go Let It Out” e da trip hop “Gas Panic!”.

A performance comercial reflete a abordagem transitória. Ao lado de *Dig Out Your Soul*, *Standing* é o disco de estúdio menos vendido do Oasis tanto no Reino Unido (600 mil cópias) quanto no mundo (3 milhões). Nos EUA, foi ignorado. Já o sempre crítico Noel enxerga falhas em vez de o início de uma transformação. Para o guitarrista, o álbum nem mesmo pode ser definido como “experimental”.

“A primeira que criamos foi ‘Go Let It Out’, que tinha loop de bateria, mas não consegui levar essa ideia [de experimentar] até o fim”, explica à *Mojo*. “Acabei levando outras músicas ‘rock de estádio’ e todos aprovaram. Havia prazo e eu era cobrado, especialmente por Liam, que dizia: ‘E aí, já compôs?’ E eu: ‘Put a merda, é bem difícil, sabe? Sei que faço parecer fácil, mas não é.’” — I. M.



HEATHEN CHEMISTRY

2002

Quando se chega ao topo, só existe um caminho: descer. Oasis enfrentou essa realidade brutal com *Heathen Chemistry*, seu quinto disco de estúdio. Seis anos após o épico *Knebworth* (o maior show de rock da história britânica), a banda estava irreconhecível.

“The Hindu Times” abriu o álbum com energia psicodélica, inspirada no T. Rex, guitarras distorcidas e aquela atitude arrogante que definia o Oasis dos velhos tempos. Era promessa de renascimento. Durou exatos três minutos e 46 segundos.

Logo na segunda faixa, “Force of Nature”, tudo desabou. A canção era arrastada, como homens de meia-idade tentando recuperar glórias distantes. O esforço era dolorosamente

visível. Gem Archer contribuiu com “Hung in a Bad Place”, flertando com a paranoia crua dos Stooges, mas sem conseguir capturar a essência. Andy Bell ofereceu “A Quick Peep”, um instrumental de 77 segundos que sugeria caminhos não explorados, talvez porque a banda já não soubesse mais para onde ir.

Mas quem salvou o álbum, peculiarmente, foi Liam. Sempre visto como o caos incontrolável enquanto Noel era celebrado como gênio compositor, o irmão mais novo foi quem entregou honestidade. “Songbird” é delicada, frágil e genuína. “Better Man” tem guitarras sujas e atitude. São raros momentos em que *Heathen Chemistry* respira.

Já “Stop Crying Your Heart Out” teve um destino curioso. Balada competente, chegou

ao segundo lugar nas paradas britânicas, mas ganhou fama duvidosa ao embalar cenas lacrimosas do filme *Efeito Borboleta* (2004).

O disco guardava bizarrices. Após “Better Man” vinham 30 minutos de silêncio antes de uma faixa escondida chamada “The Cage”, instrumental que poucos tiveram paciência de esperar. Oficialmente, isso foi apresentado como uma “homenagem” ao compositor de vanguarda John Cage, famoso por sua peça experimental 4’33” (1952), onde músicos faziam em silêncio no palco. O efeito foi bizarro e contraproducente.

Pitchfork deu ao álbum a nota 1.2, e o próprio Liam, anos depois, declararia *Heathen Chemistry* seu álbum menos favorito do Oasis. Não é difícil entender, porque este foi o momento em que ficou claro que algo já não andava bem. — D.S.



DON'T BELIEVE THE TRUTH

2005

Após uma sequência de decepções que incluíram o bombástico *Be Here Now* e os esquecíveis *Standing on the Shoulder of Giants* e *Heathen Chemistry*, a banda abandona finalmente a tentativa desesperada de recriar a própria grandeza. *Don't Believe the Truth* chega como o primeiro álbum em uma década que sugere que os Gallagher têm um futuro, e não apenas um passado enorme e sufocante.

A grande virada? Noel desce do pedestal e dá mais espaço aos colegas. Escreve apenas cinco das 11 faixas, deixando Andy Bell, Gem Archer e até Liam contribuírem de verdade. E funciona, porque o disco ganha vida própria em vez de viver na sombra de *Definitely Maybe* e *Morning Glory*, álbuns que, sim, são dois dos melhores da história do rock, mas que viraram uma maldição impossível de superar.

O som é vivo. “Mucky Fingers” rouba descaradamente “I’m Waiting for the Man”, do Velvet Underground. “The Importance of Being Idle” copia os Kinks com tanto carinho que você quase perdoa. E “Lyla” pega um riff dos Stones antes de tropeçar no território dos Facets. Estamos falando de Oasis, as referências sempre foram óbvias.

Liam surpreende. Sua voz está renovada e “The Meaning of Soul” impressiona em seu 1 minuto e 43 segundos. “Love Like a Bomb” mostra evolução real como compositor, mesmo que a letra seja primária ao ponto de assustar. Zak Starkey, filho de Ringo Starr, assume a bateria no lugar de Alan White.

Não é perfeito. “Keep the Dream Alive” parece sobra do disco anterior, enquanto “Let There Be Love” olha para trás enquanto o resto tenta olhar para frente. Mas pela primeira vez em anos, você se importa de novo com o Oasis. O álbum não fica no panteão, mas deixa os fãs felizes, e talvez seja lembrado como o momento no qual a banda recuperou o rumo. Irônico que um álbum chamado *Don't Believe the Truth* seja a coisa mais honesta que eles fizeram desde 1997. — D.S.

Noel Gallagher tende a ser preciso ao criticar os álbuns menos aclamados do Oasis. Nada de inventar desculpa: o guitarrista e compositor reconhece que alguns discos não trazem músicas tão boas quanto outros. Especificamente a respeito de *Dig Out Your Soul*, ele crava que perde fôlego nas faixas finais.

A declaração tem motivo, porque ele não criou nenhuma das quatro últimas canções. Desta parcela final, há duas obras de Liam Gallagher (“Ain’t Got Nothin’” e “Soldier On”), uma de Gem Archer (“To Be Where There’s Life”) e outra de Andy Bell (“The Nature of Reality”). Por outro lado, no miolo do tracklist há “I’m Outta Time”, música concebida por Liam que hoje, é, de longe, a mais ouvida do disco no Spotify.

Egos à parte, dá para ser um pouco mais ardidado e dizer que *Dig Out Your Soul* se empalidece na comparação com o ótimo antecessor, *Don’t Believe the Truth*, responsável pela volta do grupo à boa forma. Fica difícil cravar uma razão que não seja o fato de Liam e Noel não estarem se suportando mais. Fatalmente, a banda encerraria suas atividades em agosto de 2009, menos de um ano após o lançamento deste álbum, após uma briga entre irmãos que envolveu instrumento quebrado e muito ressentimento guardado (saiba mais na seção de brigas, na página 59).

Mas sempre há algo bom a ser extraído de um álbum do Oasis. Se faltam ganchos melódicos fortes e memoráveis, *Dig Out Your Soul* acerta ao focar no groove. A cozinha de Andy Bell e Zak Starkey, agora baterista oficial — mas que pediria demissão ao fim das gravações —, ganhou protagonismo e deixou o som encorpado. Os sempre deliciosos acenos aos Beatles vieram em cheio, desde a referência a “Come Together” em “Waiting for the Rapture” a um trecho da última entrevista de John Lennon em “I’m Outta Time”.

Só é pouco para uma banda que fez *Definitely Maybe* e *Morning Glory*, e a régua sempre será esta. Em crítica da época publicada na *Rolling Stone Brasil*, o jornalista Pablo Miyazawa reflete: “*Dig Out Your Soul* exemplifica de modo um pouco mais favorável este ‘novo’ Oasis: irrepreensível na melodia e na forma, nem sempre tão inspirado no conteúdo. Não é mais ‘a maior banda do mundo’ como Noel tanto gostava de galhofar, mas cumpre seu papel. É uma pena que o mundo não esteja mais assim tão interessado.” Nada como um hiato de 16 anos para mudar a situação. — I. M.



DIG OUT YOUR SOUL

2008

OS PODEROSOS

Diversas músicas lançadas pelo Oasis apenas em singles — e muitas vezes nem sendo a faixa principal do compacto — viraram clássicos. Algumas delas estão até no setlist da turnê de reunião

Liam Gallagher incluiu lados B do Oasis na turnê solo de 30 anos do disco *Definitely Maybe*



S' LADOS B

“She Loves You”, “Day Tripper”, “We Can Work It Out”, “Hey Jude”... os Beatles, referência máxima do Oasis, construíram uma longa tradição de lançar ótimas músicas que não eram incluídas nos álbuns, só em compactos. Mas, ao refletir sobre sua própria banda adotar tal prática, Noel Gallagher cita outras influências: “Sempre fui fã de The Jam e The Smiths, e eles sempre tiveram canções incríveis sendo disponibilizadas dessa forma”.

Independentemente da inspiração, esta abordagem ganhou proporções inimagináveis com o Oasis. Várias faixas ausentes de discos entraram de verdade na galeria de sucessos dos Gallaghers. Chegou ao ponto de o grupo lançar, no auge da fama, uma coletânea só com lados B não aproveitados nos álbuns: *The Masterplan* (1998). Cinco das 23 músicas presentes no setlist da turnê de reunião vêm desse material. Há ainda uma sexta, “Whatever”, que não se juntou à compilação — pois tecnicamente não é um B-side, mas segue o padrão de estar fora dos long-plays. A seguir, a *Rolling Stone Brasil* comenta sobre cada uma dessas seis canções.



“Acquiesce”

Rolou até campanha de fã para “Acquiesce” abrir os shows da volta do Oasis, seja pela melodia grandiosa ou pela temática lírica. Concebida durante uma viagem de trem na época de *(What’s the Story) Morning Glory*, esta canção quase power-pop versa sobre o sentimento de apoio mútuo. Trechos como “*because we need each other; we believe in one another*” (“porque precisamos um do outro; acreditamos um no outro”) encaixam feito luva atualmente. Só não procede a teoria de que a letra tenha sido inspirada na relação entre Liam e Noel — até porque esta raramente contou com momentos de paz. Não entrou em *Morning Glory* e acabou usada no lado B do single “Some Might Say”, três anos antes de surgir em *The Masterplan*. Agradou tanto que foi tocada ao vivo mais vezes na trajetória da banda que a própria “Some Might Say”. — POR IGOR MIRANDA

“Whatever”

Escrita antes do álbum de estreia, “Whatever” marcou a transição entre *Definitely Maybe* e *(What’s the Story) Morning Glory*? e foi rejeitada de ambos os discos por não se encaixar no clima deles. É um raro caso no qual os irmãos dividem os vocais principais, com um contraste marcante entre o tom melódico de Noel e a atitude crua de Liam. O single trazia três lados B: “(It’s Good) To Be Free”, “Half the World Away” e “Slide Away”, que já havia sido lançada em *Definitely Maybe*. A versão japonesa era mais generosa, com “Fade Away”, “Listen Up” e um cover ao vivo de “I Am the Walrus”, dos Beatles, inserida originalmente como B-side de “Cigarettes & Alcohol”. O arranjo orquestral de “Whatever” trouxe uma sofisticação rara ao som do Oasis e antecipou a grandiosidade que viria em *Morning Glory*. — POR DANIELA SWIDRAK

“Talk Tonight”

Muitas grandes canções surgiram em momentos tensos. “Talk Tonight” serve de exemplo, porque se trata do resultado da primeira grande crise do Oasis. Ainda em 1994, a continuidade da banda esteve em risco quando Noel Gallagher deixou a formação, após um infame show em Los Angeles feito com quase todo o grupo chapado de metanfetamina. Desiludido, ele viajou até San Francisco sem avisar os colegas. A partir daí, duas versões da história divergem e podem envolver a cidade mencionada ou Las Vegas, mas diz-se em ambas que uma mulher o convenceu a não deixar a banda. Delicadamente acústica e cantada pelo Gallagher mais velho, a música também aproveitada como lado B do single “Some Might Say” nasceu como forma de reconhecer e agradecer por esta situação. — POR I. M.



Da esq. para dir.: Paul "Bonehead" Arthurs, Liam Gallagher, Noel Gallagher, Paul "Guigsy" McGuigan e Alan White



"Fade Away"

Gravada nas sessões de *Definitely Maybe*, "Fade Away" foi cortada e se tornou o terceiro lado B de "Cigarettes & Alcohol", de setembro de 1994. Antes, uma versão demo apareceu numa fita cassete que acompanhou uma edição da revista *Select Magazine*. Finalmente, encontrou seu lugar em *The Masterplan*, consolidando a reputação do Oasis de ter lados B de altíssima qualidade. Em 1995, "Fade Away" ganhou versão acústica para o álbum beneficente *Help!*, do War Child. Essa gravação teve uma formação inusitada: Noel Gallagher (vocaís e guitarra), Liam Gallagher (backing vocals), Johnny Depp (guitarra), Kate Moss (pandeiro) e Lisa Moorish (vocalista da Kill City e ex-namorada de Liam, nos backing vocals). Essa versão acústica apareceria mais tarde no lançamento do single japonês. — POR D. S.

"Half the World Away"

Da leva de "Talk Tonight", surgiu ainda "Half the World Away", composição semicountry também acústica e cantada por Noel Gallagher, mas de abordagem diferente. Aqui, o guitarrista ainda assume a percussão e traz Paul "Bonehead" Arthurs no piano e Owen Morris no baixo. A letra, quase um desdobramento de "Rock 'N' Roll Star", reflete sobre "deixar essa cidade velha" que "não tem nada de especial", mas, ao mesmo tempo, aborda a chance de "deixar esse espírito". O Gallagher mais velho estava, de fato, num momento pessoal delicado. Felizmente, canalizou isso em outra música envolvente, usada no lado B do single "Whatever" e aproveitada no seriado *The Royle Family*. Paul Weller, guitarrista da The Jam e um dos solistas de "Champagne Supernova", cita esta faixa como sua predileta da carreira do Oasis. — POR I. M.

"The Masterplan"

Lançada como lado B de "Wonderwall" em 1995, "The Masterplan" empresta seu nome à coletânea que Oasis lançaria em 1998 pela Creation Records, o último lançamento da banda pelo selo. A música é uma das favoritas do próprio Noel, que a considera uma de suas melhores composições. Diferente da maioria das canções do grupo, "The Masterplan" tem Noel nos vocais principais, porque Liam não conseguiu cantar o refrão (Noel especula que ele estivesse bêbado) e não alcançava as notas altas. Sem alternativas, Noel assumiu os vocais e entregou uma performance incrível. A faixa, descrita por Noel como uma representação da jornada pela vida, reflete sobre a ausência de um plano maior na existência. "Tudo o que sabemos é que não sabemos nada", diz uma frase nas notas do encarte da coletânea. — POR D. S.

AS 40 MELHORES MÚSICAS

Os grandes momentos dos irmãos
Gallagher — dos clássicos dos anos
1990 às joias obscuras do Oasis

Por **Rolling Stone***

Formação original do
Oasis contava com Noel
e Liam Gallagher, Paul
"Bonehead" Arthurs, Paul
McGuigan e Tony McCarroll



A

pós uma pausa conturbada de 15 anos, os irmãos Liam e Noel Gallagher retomaram o Oasis. A reunião e, posteriormente, o anúncio da turnê de 2025 levaram os fãs de volta ao catálogo dos pioneiros do Britpop, com o *Spotify* relatando um aumento de 690% nas reproduções de músicas da banda.

Mas os ouvintes casuais que foram diretamente para os principais álbuns do grupo, *Definitely Maybe* (1994) e *(What's the Story) Morning Glory?* (1995), têm motivos para lamentar. Eles perdem algumas verdadeiras joias dos irmãos Gallagher, desde singles do final da carreira até uma abundância de lados B da época de ouro da banda — muitos dos quais aparecem em nossa lista das 40 melhores músicas do Oasis. De qualquer forma, “Wonderwall” não fica fora.



Com seu look característico, Liam Gallagher se hidrata no palco

FOTOS: DAVE HOGAN/GETTY IMAGES

'All Around the World' (1997)

40 Os irmãos realmente se inclinaram para sua imitação amorosa dos Beatles nesta canção viajante de *Be Here Now* (1997), uma saga de quase 10 minutos (!) que teria se encaixado perfeitamente no *Magical Mystery Tour* do Fab Four. É desnecessariamente longo? Com certeza. Mas é irresistível, desde a entrega característica de Liam para dizer a palavra "shine" (brilhar), passando também por alguns "na-na-na's" e "la-la-la's" cativantes até as cordas envolventes. Oito anos após o lançamento, "All Around the World" fez uma segunda viagem quando a AT&T a usou em um comercial de TV. — JOSEPH HUDAK

'Go Let It Out' (2000)

39 Oasis entrou no novo milênio com uma energia de "grandalhão com garfo em dia de sopa. O império do Britpop estava em declínio. O rock eletrônico estava em ascensão. E "Go Let It Out" era o som dos Gallaghers furiosos contra a morte do brilho dos anos 1990. Como Liam proclamou, "somos uma banda boa para caralho, e acho que as pessoas finalmente perceberão isso com este álbum". O primeiro single dos anos 2000 é construído em torno de um groove de baixo e bateria e queixas sociais. "Is it any wonder why princes and kings are clowns that caper in their sawdust rings?" ("É de se admirar que príncipes e reis sejam palhaços que saltam em seus círculos de serragem", na tradução livre) Noel pondera. Ou seja: "O refrão é sobre como, na Inglaterra, somos bastante fascinados com o motivo pelo qual pessoas famosas agem como idiotas absolutos." — SARAH GRANT

'Lord Don't Slow Me Down' (2007)

38 Embora a música nunca tenha aparecido em um álbum, Noel Gallagher certamente tem orgulho deste single feroz de 2007. E apesar de o Oasis nunca ter tocado esta canção ao vivo, ele fez isso como artista solo. O motivo de Noel amar a música é nítido: "Lord Don't Slow Me Down" é um trovão que mistura The Who, The Kinks e *Highway 61 Revisited*, de Bob Dylan, com um riff escaldante, uma bateria exagerada no estilo Keith Moon e o vocal desesperado do artista. A demo com Liam cantando pode ser ainda mais frenética. Talvez eles nunca tenham tocado ao vivo porque não conseguiram decidir quem faz melhor. — JON DOLAN

'Sad Song' (1994)

37 Em homenagem ao 30º aniversário de *Definitely Maybe*, Oasis lançou uma versão rara de "Sad Song" com um jovem Liam comandando os vocais. Mas ainda somos parciais à versão de Noel, disponibilizada origi-

nalmente apenas no Reino Unido, Japão e França. É tudo o que ele faz de melhor: letras desoladas, como o verso "we cheat and we lie/nobody says it's wrong/so we don't ask why" ("nós trapaceamos e mentimos/ninguém diz que é errado/então não perguntamos o porquê"), cantadas em seu estilo lamentoso e um violão acústico simples. Para uma banda conhecida por ser impetuosa e barulhenta, "Sad Song" é uma elegância contida. — J.H.

'Half the World Away' (1994)

36 Assim como seus ídolos, os Beatles, os lados B do Oasis rivalizavam frequentemente com os respectivos singles. "Half the World Away" é um ótimo exemplo disso. Lançada em 1994 como o *flip* de "Whatever" e, mais tarde, na coletânea *The Masterplan*, essa canção comovente é amada justamente por ser despretensiosa. "É sobre tentar desesperadamente deixar a situação em que você está. Sonhando com outro lugar, saindo de casa, saindo da cidade", disse Noel. Ele a escreveu em Las Vegas, "beliscando" os acordes country do swing de Burt Bacharach em "This Guy's in Love With You" e então acrescentando sua própria melancolia de Manchester. Noel viu a música como algo sombrio e deprimente, mas os fãs ouviram a banda capturando aquele estranho paradoxo de crescer: os desejos conflitantes entre ir embora e ficar. — S.G.

'Round Are Way' (1995)

35 Em 1995, quando Noel criava mais músicas boas do que sabia o que fazer com elas, "Round Are Way" — o título é um erro de grafia da expressão de Manchester "round our way", usada para se referir à vizinhança — foi uma das três faixas relegadas ao lado B de "Wonderwall". Essencialmente uma atualização de "Our House", do Madness, a música sobre a nostalgia da infância em Manchester, Inglaterra, apresenta uma batida de glam rock forte, trompetes ao estilo "Got to Get You into My Life", dos Beatles, gaita de blues ardente de Mark Feltham, do Nine Below Zero, e letras evocativas sobre meninos travessos e partidas de futebol. "Round Are Way" ainda é corretamente aclamada como uma das melhores faixas não-álbum do Oasis. — DAN EPSTEIN

'Soldier On' (2008)

34 Na despedida do Oasis, Liam deu a última palavra. "Soldier On" encerra *Dig Out Your Soul*, de 2008 — o último álbum da banda antes da saída de Noel. O vocal corta a distorção e a névoa inflexível, como se fosse um soldado cansado da guerra arrastando suas botas para o próximo campo de batalha. Há algo irônico — e apropriado — sobre o Oasis terminar seu álbum com este anti-hino abstra-

to. "Soldier On" avança lentamente com uma onisciência estranha. Ela se recusa a alcançar a grandeza melódica dos maiores sucessos da banda e, por causa dessa resistência, sai mais poderosa. Os vocais de Liam se acomodam na lama, com uma resolução desconfortavelmente calma: "Hold the line, friend of mine, sing a song," ("agente firme, meu amigo, cante uma música"), ele entoa, desafiador, abatido e, de alguma forma, ainda resistindo. — S.G.

'Stop Crying Your Heart Out' (2002)

33 Este é o momento brilhante de Liam em um álbum que diz não se lembrar de ter feito: "Eu também não gostei do título. *Heathen Chemistry?* Foda-se", disse. "Stop Crying Your Heart Out" é o som do Oasis testando como traduzir o Britpop no rock do início dos anos 2000. A mensagem da música ressoou no mundo em luto após os ataques de 11 de setembro, e foi uma vitória comercial atrasada enquanto a popularidade da banda pós-anos 1990 diminuía. Curiosamente, a gravidade emocional da música foi inspirada no futebol e acabou sincronizada com a Copa do Mundo de 2002: "Nós pensamos: 'Inglaterra está fadada a ser eliminada.'" — S.G.

'Sunday Morning Call' (2000)

32 No quarto álbum, Oasis estava tão exausto que nem se preocupou com a concordância nominal do título *Standing on the Shoulder of Giants*. "Sunday Morning Call" é tanto uma desaceleração sonora quanto uma metáfora para o impacto depois da experiência psicodélica de *Be Here Now*. Noel estava na casa dos 30 anos, tinha um filho e estava chegando à conclusão de que não viveria para sempre. Já Liam não aparece nos créditos. A decisão da banda de lançá-la como single foi tão louca quanto a música alcançar quarta posição no topo das paradas inglesas. — STEPHEN RODRICK

'Going Nowhere' (1997)

31 Gravada durante as sessões de *Be Here Now*, "Going Nowhere" foi inexplicavelmente lançada apenas como lado B de "Stand by Me". A música tem uma energia de "bem-vindo ao estrelato, todas as saídas estão fechadas": Noel soa como uma pessoa que recentemente ficou rica e se sente cercada por sua riqueza enquanto canta "I'm gonna get me a motor car/Maybe a Jaguar" ("Eu vou comprar um carro / Talvez um Jaguar"), uma das melhores/piores letras do catálogo. "Going Nowhere" sugere que as coisas estão ruins, mas logo vão piorar, com um som salgado inspirado em Burt Bacharach que só aumenta a sensação de melancolia dou-rada. É um sentimento admiravelmente sombrio composto por um homem cego. — S.R.

'Falling Down' (2008)

30 Terceiro single de *Dig Out Your Soul* (2008), "Falling Down" foi também o último single do Oasis a ser lançado antes da separação da banda em agosto de 2009. Alcançando o número 10 nas paradas do Reino Unido, a música ganhou um valor adicional na cultura pop ao ser usada como tema de abertura da série de anime japonesa *Eden of the East*. Entre os vocais sonhadores de Noel, o groove propulsivo, as guitarras acústicas arejadas e os floreios psicodélicos do teclado mellotron, "Falling Down" antecipa a direção que ele tomaria com sua próxima banda, Noel Gallagher's High Flying Birds. — D.E.

'Where Did It All Go Wrong?' (2000)

29 Uma das performances vocais mais afiadas de Noel, a balada premonitória sobre um relacionamento que desmorona apareceu no injustamente criticado *Standing on the Shoulder of Giants*. "Where Did It All Go Wrong?" é o grande destaque, uma fatia concisa de medo e arrependimento, impulsionada pelo ritmo de bateria de Alan White e alguns teclados ameaçadores de Noel, que tocou tudo, exceto a percussão. "I hope you know/that it won't let go/it sticks around with you until the day you die" ("Eu espero que você saiba/que isso não vai embora/isso fica com você até o dia em que você morrer"), grita ele no refrão, antes de levantar as mãos e perguntar: "Onde foi que tudo deu errado?" — J.H.

'I'm Outta Time' (2008)

28 Joia nostálgica de *Dig Out Your Soul* (2008), "I'm Outta Time" alcançou a 12ª posição nas paradas do Reino Unido, tornando-se o primeiro single do Oasis desde "Shakermaker" (1994) a não alcançar o Top 10. Talvez a falta da ousadia característica da banda tenha algo a ver com isso: Mesmo sem o trecho da entrevista de John Lennon que encerra a música, "I'm Outta Time" passa mais a sensação de uma música descartada por Lennon do que o trabalho de uma das bandas de rock mais ousadas da Grã-Bretanha. Mesmo assim, é maravilhosa, com destaque para a performance vocal notavelmente sutil de Liam. — D.E.

'The Importance of Being Idle' (2005)

27 A melhor música dos Kinks que Ray Davies nunca escreveu, "The Importance of Being Idle" é toda cheia de dedilhados alegres e letras atrevidas sobre se deliciar em não fazer absolutamente nada: "A man's got a limit/I can't get a life if my heart's not in it" ("Um homem tem seu



"Acquiesce", "Rock 'N' Roll Star", "Wonderwall" e "Champagne Supernova" foram alguns dos hits do Oasis escritos por Noel

limite / Eu não consigo ter uma vida se meu coração não estiver nisso"). Faixa de destaque de *Don't Believe the Truth* (2005), esse foi o segundo single do Oasis cantado por Noel a alcançar o topo das paradas do Reino Unido após "Don't Look Back in Anger". Também foi o 19º hit consecutivo do Oasis no Top 10 britânico — quebrando um recorde de bandas como Beatles e ABBA —. Por outro lado, foi a última vez na qual o grupo chegou no primeiro lugar. — D.E.

'Songbird' (2002)

26 A primeira composição de Liam em um álbum do Oasis, "Songbird" surgiu do nada. A banda se orgulhou de se inspirar em McCartney/Lennon em todas as ocasiões, mas enquanto Noel sempre foi mais o cara do Magical Mystery Tour/Sgt. Pepper's, "Songbird" é tão imediata quanto *Help!*. A atitude "ir direto ao ponto" de Liam é uma característica de sua carreira solo pós-Oasis, que rivaliza com a do irmão em qualidade e vendas. A música deixou claro que, independentemente do que acontecesse com o Oasis, Liam não ia simplesmente desaparecer. — S.R.

'Stand by Me' (1997)

25 Principal faixa de *Be Here Now*, esta balada de alto nível começa com uma das letras mais diretas de Noel: "Made a meal and threw it up on Sunday" ("Fiz uma refeição e vomitei no domingo"), uma referência a uma crise de intoxicação alimentar que ele alegou ter experimentado. Mas até essa descrição corriqueira está carregada de emoção graças à

entrega extraordinária de Liam, que se eleva até o anseio do coro: "Stand by me/nobody knows the way it's gonna be" ("Fique comigo/ninguém sabe como será"). Para dar risada, confira a versão do álbum ao vivo *Familiar to Millions*, onde Liam repreende a produção por cegá-lo com um holofote: "Tire essa luz de mim!" — J.H.

'The Hindu Times' (2002)

24 Qualquer música do Oasis que dê a Liam a oportunidade de cantar as palavras "high" ("alto") e "sunshine" ("brilho do sol") é uma boa música, mesmo que o título deste single de *Heathen Chemistry* seja um pouco questionável. Mas com certeza ela é um grande rock, e uma das faixas mais cheias de atitude do grupo nos anos 2000. "I do believe I got flair/I got speed and I walk on air" ("Eu realmente acredito que tenho estilo/Eu tenho velocidade e ando no ar") Liam se gaba no primeiro verso, imediatamente lembrando aqueles que possam ter esquecido que ele é, de fato, uma estrela do rock 'n' roll. — J.H.

'Lyla' (2005)

23 A piada de longa data de Noel aqui é que Lyla, o foco deste single de *Don't Believe the Truth* (2005), é irmã de Sally de "Don't Look Back in Anger", uma daquelas curiosidades divertidas e sem sentido dos fãs que mistura a história do Oasis com suas linhas do tempo. Mas, deixando as alusões de lado, o destaque da música é sua imensa qualidade de rock de estádio ao ar livre — com guitarras estrondosas, vocais elevados e uma percussão que marca a estreia de Zak Richard Starkey, filho de Ringo Starr, que já havia tocado com The Who antes de substituir o baterista Alan White. O resultado é uma das faixas mais animadas e orientadas ao pop no catálogo da banda, ao ponto de Noel chamá-la de "uma música para pular". — JULYSSA LOPEZ

'Shakermaker' (1994)

22 O segundo single que o Oasis lançou, "Shakermaker" (1994), também foi o primeiro de várias músicas que colocaram a banda em apuros judiciais devido às tendências "pássaro-ladrão" de Noel, já que sua melodia tinha uma semelhança impressionante com "I'd Like to Teach the World to Sing", jingle da Coca-Cola dos anos 1970. Embora a música tenha sido um hit número 11 no Reino Unido, graças às suas guitarras pesadas e ao vocal deliciosamente sarcástico de Liam, Oasis não viu muito lucro líquido com ela. Uma ação por plágio movida pela empresa de refrigerantes levou a banda a chegar a um acordo por um valor de aproximadamente meio milhão de dólares. — D.E.

Oasis com Noel Gallagher, Liam Gallagher, Paul "Bonehead" Arthurs, Alan White e Paul "Guigsy" McGuigan na formação





Apesar das constantes brigas, Noel e Liam Gallagher formaram uma das maiores bandas do rock dos anos 1990

'She's Electric' (1995)

21 Noel Gallagher deu uma de suas melodias mais doces e inspiradas em McCartney para esta música do *Morning Glory*, e Liam entrou no clima, trocando seu habitual desprezo por um falsete cativante no refrão. Se os singles do segundo álbum do Oasis mostraram o quão grandes eles poderiam ser, essa faixa do álbum — não uma grande balada ou um rock grandioso, mas uma história doce sobre uma garota, seu irmão, sua mãe e seus doze primos — mostrou que eles também tinham um lado surpreendentemente delicado. E se eles simplesmente plagiaram o final de "With a Little Help from My Friends"? Bem, às vezes o amor é roubo. — SIMON VOZICK-LEVINSON

'I Am the Walrus' (1994)

20 O Oasis levou sua obsessão pelos Beatles a conclusões lógicas com vários covers — de algum modo, eles conseguiram tornar "Octopus's Garden" tolerável — mas somos mais fãs dessa faixa ao vivo, que os fãs mais fiéis sempre adoraram. Os tempos estão acelerados enquanto as guitarras em camadas dão uma sensação de profundidade à produção. E você pode ouvir o raro "falsete de Liam". Para ser justo, "Sitting in an English garden waiting for the sun" ("Sentado em um jardim inglês esperando pelo sol") facilmente poderia ser uma letra do Oasis. — JASON NEWMAN

'Talk Tonight' (1995)

19 Após uma "performance" catastrófica e impulsionada por metanfetamina durante a primeira turnê dos Oasis nos Estados Unidos em 1994, Noel Gallagher voou para São Francisco, determinado a deixar a banda. Ele procurou uma mulher que havia conhecido nos bastidores de um show e sentou-se em seu apartamento, completamente angustiado, enquanto ela simplesmente o ouvia até tarde da noite. Depois disso, escreveu "Talk Tonight", exemplo comovente de como o sarcasmo de Noel se transforma em sinceridade e ternura, enquanto o corte acústico reduz o vigor habitual da banda a uma vulnerabilidade pura e dolorosa. É facilmente um dos melhores lados B do Oasis — uma homenagem despojada a ter alguém ao seu lado nos momentos mais baixos. — J.L.

'Stay Young' (1997)

18 "Hey, stay young, and invincible!" ("Ei, fique jovem e invencível!"), Liam ordena nesta saudação ao processo de crescer e envelhecer. Mas, embora o vocalista venda perfeitamente o apelo da juventude, isso nunca foi suficiente para Noel, que afirmou não gostar da música. Na verdade, após escrevê-la para *Be Here Now*, ele a descartou e a colocou no single

de "D'You Know What I Mean?" como lado B. Mesmo assim, os fãs continuam felizes por esse parente lírico de "Live Forever" existir. — J.H.

'Morning Glory' (1995)

17 "All your dreams are made/When you're chained to the mirror and the razor blade" ("Todos os seus sonhos são feitos/Quando você está preso ao espelho e à lâmina de barbear"), grita Liam em "Morning Glory", resmungo sobre o lado sombrio da dependência de cocaína, que, por mais que tenha um toque de hipocrisia vindo dos irmãos Gallagher em 1995, é inegavelmente impactante. A música fica em algum ponto entre *Document*, do R.E.M., e *Revolver*, dos Beatles, o tipo de mistura brilhante e despreocupada de rock & roll que o Oasis fazia com facilidade e frequência. As guitarras soam como se tivessem passado a noite toda cheirando e lamentando. — J.D.

'Don't Go Away' (1997)

16 "Don't Go Away" muda da névoa de cocaína e do excesso maníaco de *Be Here Now* para um momento de beleza sincera — uma grande e bonita música de ritmo médio sobre tentar entender a perda pessoal. A banda já tinha a canção desde antes da fama, mas ela ficou guardada, talvez porque o tom reflexivo não combinava com a atitude arrogante de suas outras músicas na época. Porém, ela adiciona um peso sofrido ao clima de estrela do rock amargurada de *Be Here Now*, e hoje ressoa como um dos picos de suas grandes baladas. — J.D.

'Little by Little' (2002)

15 Enquanto os clichês de Noel Gallagher, após quatro garrafas de cerveja, tomaram um rumo notavelmente zen depois de ele passar um mês na Tailândia em 19997, ele canta: "We don't claim to be perfect but we're free" ("Não afirmamos ser perfeitos, mas somos livres") e "Fading like the stars we wish to be" ("Enfraquecendo como as estrelas que gostaríamos de ser"). Mas depois do balanço em tom menor como o Pink Floyd, o refrão volta ao único nirvana que o Oasis conhece: uma melodia maior que a vida sobre manter a cabeça erguido quando o mundo vai para o inferno. Segundo Noel, o irmão teve dificuldades com a parte vocal, então ele mesmo tentou cantar. "Você podia ver Liam sentado na mesa, dizendo 'Filho da p*ta. Ele conseguiu.'" Anos depois, o sempre humilde Liam tuitou: "Eu posso e vou cantar melhor do que Noel qualquer música que ele, mesmo que eu leve um chute nas bolas." — S.G.



Cabelo tigela de Liam cresceu tanto uma época que virou um proto-mullet

'Roll With It' (1995)

14 Noel mais tarde definiria o single de *Morning Glory* como "merda", mas discordamos respeitosamente. O andamento médio evoca visões do músico tocando *Revolver*, enquanto Liam entoa as letras "B" e "D" como ninguém — "Don't ever BEEEE Denied" ("Nunca seja denegado"). A imprensa musical, eufórica, colocou "Roll With It" contra "Country House", do Blur, já que ambas as músicas foram lançadas na mesma semana, resultando na "Batalha do Britpop" (o Blur venceu essa rodada). — J.N.

'D'You Know What I Mean?' (1997)

13 A arrogância dos Gallagher após o mega sucesso de (*What's the Story*) *Morning Glory*? era tanta que escolheram uma música de quase oito minutos com sons invertidos e toneladas de retorno para ser o primeiro single de rádio de *Be Here Now* (1997). E ninguém os impediu. Em retrospectiva, "D'You Know What I Mean?" foi a música certa para anunciar um álbum tão inchado e barulhento, mas, ao contrário de todo o *Be Here Now*, essa canção se mantém. Embora possa faltar a melodia de "Wonderwall", o hino compensa com ameaças e atitude — a combinação perfeita para o volátil vocalista do Oasis. — J.H.

'Whatever' (1994)

12 Claro, eles podem ter roubado a melodia de "How Sweet to Be an Idiot", pop britânico de 1973 de Neil Innes, mas tanto faz. O primeiro single que não fez parte de um álbum do Oasis é sustentado pela London Session Orchestra, cujas cordas dão um toque de classe à música e equilibram as declarações desafiadoras de Liam sobre ser "livreeeee para ser o que eu quiser" ("freeeeeeee to be whatever I want"). Três anos depois, Royal Philharmonic Orchestra faria uma versão famosa e terrível das músicas do grupo para um álbum, mas ignore esse detalhe e apenas ouça essa música várias vezes. — J.N.

'Slide Away' (1994)

11 Apesar da arrogância provocativa de Noel, no fundo, ele tem o coração mole (a música "Talk Tonight" já reduziu os caras mais durões a pedaços). A penúltima faixa de *Definitely Maybe* descreve o turbulento relacionamento do músico com sua namorada na época. "I dream of you — we talk of growing old" ("Eu sonho com você — falamos sobre envelhecer juntos"), Liam canta, antes de adicionar a devastadora resposta: "But you said please don't!" ("Mas você disse, por favor, não faça isso!"). Todas as músicas, é claro, estão abertas à interpretação. Exemplo número um: a fã do Oasis que diz ter uma tatuagem na lombar escrito, "Slide in, baby/Together we'll fly" (Deslize para dentro, bebê/Juntos vamos voar"). Amor é amor. — J.N.

'Some Might Say' (1995)

10 O primeiro single número um do Oasis no Reino Unido começou como uma demo de Noel mais lenta, pesada e, nas palavras dele, "mais vulgar" do que a versão de (*What's the Story*) *Morning Glory?*. A versão lançada para o mundo adicionou o brilho do Britpop que fez dela uma combinação perfeita da atitude dos Stones com o charme à la Beatles. A letra é tão estranhamente boba quanto qualquer música do Oasis, mas o coro arrebatador "some might say we will find a brighter day" (alguns podem dizer que encontraremos um dia mais brilhante") pegou em cheio na Inglaterra após 16 longos anos de governo conservador. "Oasis estava no topo das paradas, acho que 'Some Might Say' tinha acabado de alcançar o número um", lembrou o veterano jornalista britânico e historiador John Savage no documentário *Live Forever: The Rise and Fall of Britpop*. "E eu me lembro de assisti-los e simplesmente chorar. Pensei, 'Algo realmente está mudando aqui.'" — J.D.

"Acho que é a melhor música que já escrevi", disse Noel à *NME* sobre "The Masterplan"



'Rock 'n' Roll Star' (1994)

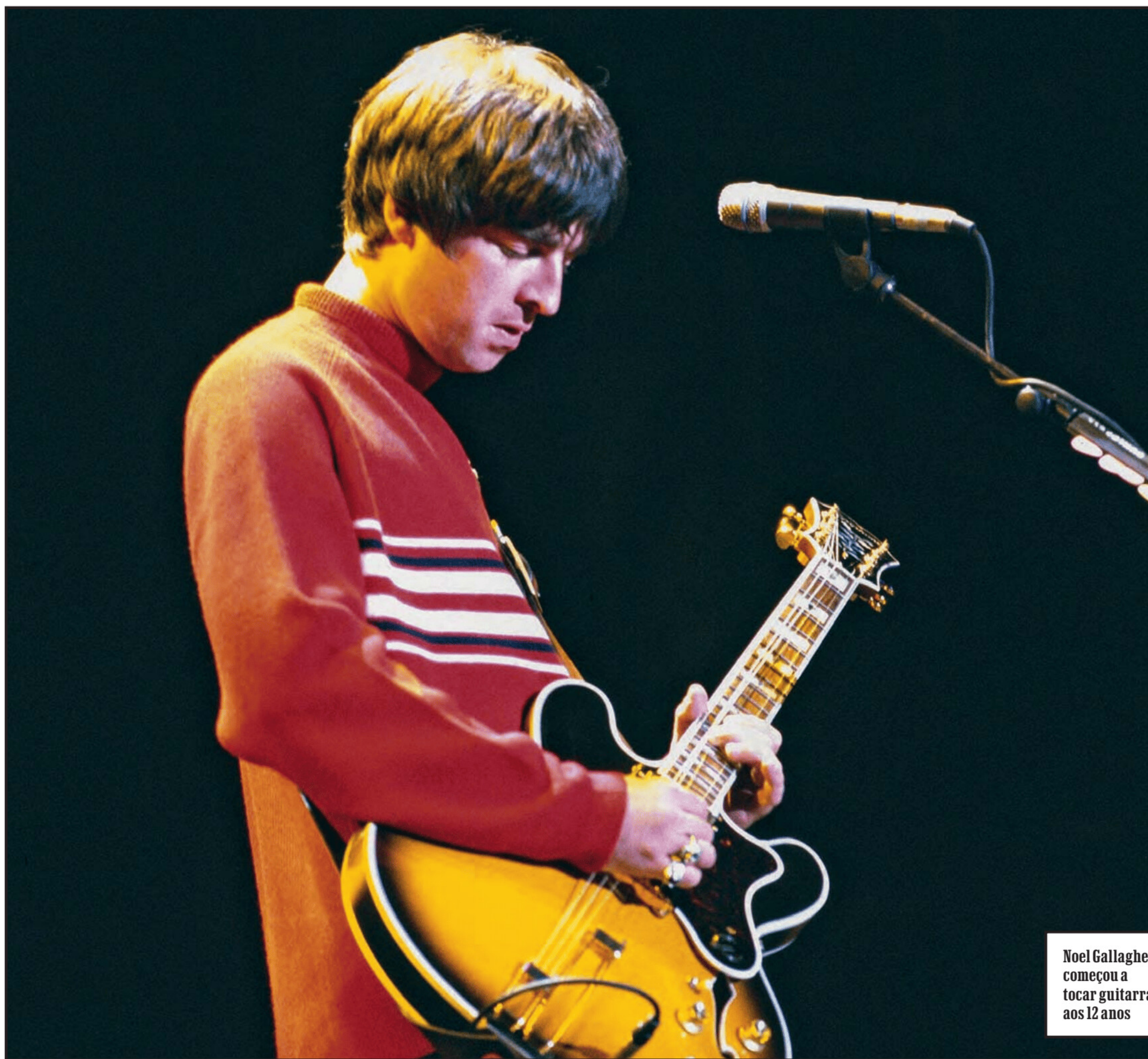
9 Para a maioria do mundo, no verão de 1994, os irmãos Gallagher eram ninguém. Mas, quando a primeira faixa de *Definitely Maybe* terminou, eles eram estrelas do rock. A música de abertura do álbum de estreia do Oasis estabeleceu todas as regras básicas para a banda: os riffs seriam grandes, as letras simples o suficiente para serem lembradas no final da noite e, de alguma forma, tudo pareceria verdade. Quando Liam cantou sobre viver sua vida entre as estrelas, ele tocou um acorde que continua ressoando por 30 anos em sessões de karaokê e playlists de viagens de carro. A chave está na palavra "tonight" ("hoje à noite") — quando você aumenta o volume dessa música, você também se torna uma estrela. — S.V.L.

'The Masterplan' (1995)

8 "Acho que é a melhor música que já escrevi," disse Noel Gallagher à *NME* sobre esse adorado lado B de "Wonderwall". Cantada por Noel e com a participação de uma orquestra, essa é uma obra-prima do irmão mais velho, uma balada crescente sobre como, no final das contas, realmente não há um plano para a existência. "Isso resume sua jornada pela vida", disse ele nas notas do encarte da compilação *The Masterplan*. "Tudo o que sabemos é que não sabemos." Muitos fãs dos EUA tiveram seu primeiro contato com a música quando Noel a tocou em 1996 no *MTV Unplugged* — episódio que Liam pulou. — J.H.

'Champagne Supernova' (1995)

7 Antes de Chappell Roan, a única música sobre supernovas envolvendo bebidas alcoólicas era o hino Britpop que fecha (*What's the Story*) *Morning Glory?*. Noel Gallagher a descreveu como "provavelmente o mais psicodélico que conseguirei fazer," o que só confirma para nós que ele colocou *Sgt. Pepper* para tocar, ouviu "Lucy in the Sky With Diamonds" e decidiu criar sua própria obra-prima sobre o céu. A música conta com o guitarrista Paul Weller, do Jam, entregando um solo de chorar, ao lado de versos psicodélicos como: "Slowly walking down the hall/Faster than a cannonball/Where were you while we were getting high?" ("Caminhando lentamente pelo corredor/Mais rápido que uma bala de canhão/Onde você estava enquanto estávamos chapados?"). Se você já se perguntou sobre o que a música fala, Noel também. "Algumas das letras foram escritas quando eu estava fora de mim," disse à *NME* em 1995. "Elas significam coisas diferentes dependendo do meu estado de espírito". — ANGIE MARTOCCIO



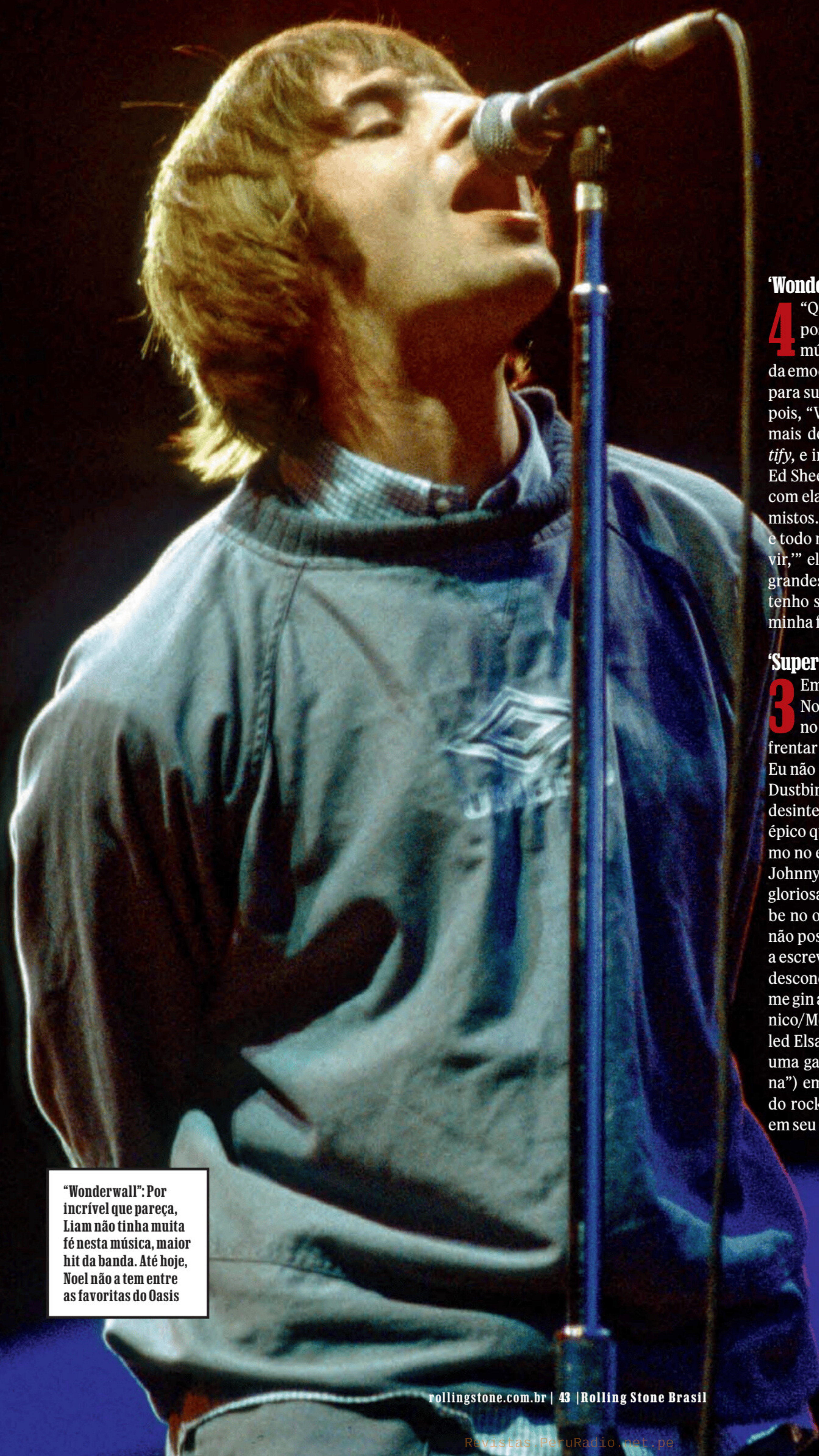
Noel Gallagher
começou a
tocar guitarra
aos 12 anos

‘Cigarettes & Alcohol’ (1994)

6 Talvez essa seja a imitação de Liam do cantor do Sex Pistols, Johnny Rotten — mas “Cigarettes & Alcohol” parece estar em sintonia com algumas das principais ofertas do punk (além do riff de Chuck Berry que a banda T. Rex roubou). Mas isso não é exatamente como “No Future”, dos Sex Pistols. O futuro está claramente delineado aqui — é apenas preenchido com sonhos impossíveis e péssimos empregos (se você conseguir um). Então, é “melhor fazer a fileira branca” (“Might as well do the white line”). Isso faz de “Cigarettes & Alcohol” uma espécie de celebração das emoções baratas que diminuem a expectativa de vida, um “sem futuro” próprio. Mas a música vive plena na gloriosa autodestruição do presente. Isso é uma maneira “saúdável” de viver? Uma maneira “boa” de viver? Provavelmente não. Mas é rock? Bem, sim. — JON BLISTEIN

‘Acquiesce’ (1995)

5 A melhor das faixas lado B do Oasis? Nós certamente achamos que sim. Gravada durante as sessões de *(What’s the Story) Morning Glory?*, “Acquiesce” acabou sendo deixada fora do álbum de 1995, aparecendo em vez disso como complemento do single “Some Might Say” no Reino Unido. Embora tenha sido lançada posteriormente na compilação de 1998 *The Masterplan*, o legado da música vai muito mais longe. Para muitos fãs, é a colaboração definitiva de Liam/Noel, com o caçula esnobando os versos e o irmão mais velho cuidando do coro com a mensagem de unidade: “Because we need each other/We believe in one another” (“Porque precisamos uns dos outros / Acreditamos uns nos outros”). Eles podem ter estado muitas vezes um contra o outro, mas em “Acquiesce” os Gallagher estão em perfeita harmonia. — J.H.



“Wonderwall”: Por incrível que pareça, Liam não tinha muita fé nesta música, maior hit da banda. Até hoje, Noel não a tem entre as favoritas do Oasis

‘Wonderwall’ (1995)

4 “Que porra de afinação é essa?” foi a resposta de Liam Gallagher ao ouvir a nova música de Noel em maio de 1995, uma balada emocionante que ele supostamente escreveu para sua namorada da época. Três décadas depois, “Wonderwall” é um clássico do rock com mais de dois bilhões de reproduções no *Spotify*, e inspiração de covers no mundo todo, de Ed Sheeran a Paul Anka. Liam já se acostumou com ela, enquanto Noel ainda tem sentimentos mistos. “Você toca os primeiros três segundos e todo mundo vai: ‘Certo, é isso que viemos ouvir,’” ele disse à *Rolling Stone* 2019. “Todos os grandes artistas têm uma dessas músicas. Eu tenho sorte de ter cinco. E é engraçado, não é minha favorita de jeito nenhum”. — A.M.

‘Supersonic’ (1994)

3 Em uma entrevista para a revista *Mojo*, Noel Gallagher resumiu a atitude do Oasis no início da carreira em 1994: “Vamos enfrentar o U2. É isso que minha banda almeja. Eu não dou a mínima para Felt ou Ned’s Atomic Dustbin. Quero algo maior que isso.” Nunca o desinteresse por Ned’s Atomic Dustbin soou tão épico quanto em “Supersonic”, com seu sarcasmo no estilo John Lennon se encontrando com Johnny Rotten, uma avalanche de guitarras e a gloriosa declaração: “I need to be myself/I can’t be no one else” (“Eu preciso ser eu mesmo/Eu não posso ser mais ninguém”). Noel afirma que a escreveu em meia hora, transformando linhas desconexas como “I’m feeling supersonic / Give me gin and tonic” (“Estou me sentindo supersônico/Me dê gim e tônica”) e “I know a girl called Elsa /She’s into Alka-Seltzer” (“Eu conheço uma garota chamada Elsa/Ela gosta de aspirina”) em algo que parecia tocado pelos deuses do rock, que logo estariam recebendo o Oasis em seu panteão. — J.D.



Raro momento de afeto público entre os irmãos Noel e Liam Gallagher

2

'Live Forever' (1994)

Se você nunca se sentiu assim por um amigo, companheiro de banda, amante ou até um completo desconhecido brindando com você na sua quarta dose da noite, será que você pode realmente dizer que viveu? “Maybe you’re the same as me/We see things they’ll never see/You and I are gonna live forever” (“Talvez você seja igual a mim/Nós vemos coisas que eles nunca verão/Você e eu viveremos para sempre”). Noel desbloqueou a intensidade absurda e romântica de tantas noites de adolescência tardia quando escreveu esses versos. Milhões de jovens impressionados ouviram os irmãos Gallagher reivindicando uma sabedoria secreta sobre o mundo e gritaram: “Sim!” Alguns até começaram suas próprias bandas para expressar essas mesmas coisas. Mas nenhum deles escreveu uma música que tenha chegado perto do nível de “Live Forever”. — S.V.L.

“Don’t Look Back In Anger” é a segunda música do Oasis mais ouvida no Spotify. Acumula mais de 1,2 bi de reproduções

I

‘Don’t Look Back in Anger’ (1995)

“Wonderwall” tem os memes, o karaokê e a imortalidade. Mas no pódio do Oasis, uma música supera todas as outras. “Don’t Look Back in Anger” é a banda em seu ponto ideal: uma balada poderosa, que fica ainda melhor se cantada no meio de um abraço, construída a partir de uma adoração descarada pelos Beatles, mas ainda assim algo único e belo. E astuta o suficiente para saber: “Please don’t put your life in the hands / Of a rock ‘n’ roll band / Who’ll throw it all away” (“Por favor, não coloque sua vida nas mãos/De uma banda de rock ‘n’ roll/Que jogará tudo fora”). Então, há a outra ressonância óbvia. “Don’t Look Back in Anger” é uma música que valoriza aceitação e perdão, seguir em frente na vida sem arrependimento ou ressentimento. Ela oferece uma maneira de viver que Noel e Liam Gallagher provavelmente deveriam ter seguido anos atrás, e talvez eles tenham finalmente feito isso. — J.B.



*COLABORADORES: SIMON VOZICK-LEVINSON, JULYSSA LOPEZ, JOSEPH HUDAK, STEPHEN RODRICK, SARAH GRANT, ANGIE MARTOCCIO, JON DOLAN, DAN EPSTEIN, JASON NEWMAN, JON BLISTEIN. TRADUÇÃO POR RODRIGO TAMMARO

O ÚLTIMO CLÁSSICO DO ROCK

Há 30 anos, a banda britânica conquistou os Estados Unidos com “Wonderwall”, sucesso surpreendentemente sensível. A música continua incrivelmente popular — mesmo que o cara que a escreveu não seja exatamente um fã

Por **David Browne*** | Fotos **James Fry/Getty Images**

Oasis (Paul McGuigan, Noel Gallagher, Tony McCarroll, Liam Gallagher e Paul Arthurs) posam para foto em um Jaguar XJ6



Liam Gallagher raramente fica sem palavras, sarcásticas ou não. Mas durante uma entrevista com a *Rolling Stone*, o cantor ficou momentaneamente sem fala após ser informado que “Wonderwall”, a balada monstruosa de 1995 que ele cantou com Oasis, estava a caminho de atingir 1 bilhão de reproduções no Spotify (em 2025, já passa das 2,5 bilhões).

“Isso é bem grande, cara”, Gallagher diz, finalmente, como se levasse alguns segundos para cair a ficha do tamanho desse número. Então o velho Liam, aquele que adora detonar seu irmão compositor, Noel, retorna. “Você sabe quem é — é o Noel, provavelmente. Ele ficou sentado lá por uma

hora e meia, constantemente naquele dedo, ‘clique clique, clique’. É por isso que ele está sempre apontando para as pessoas.”

Piadas (e jeitinho típico dos irmãos Gallagher) à parte, “Wonderwall” se tornou a canção que não vai morrer — um sucesso dos anos 1990 que transcendeu sua era e se tornou um novo padrão. Lançada há 30 anos no segundo álbum do Oasis, (*What’s the Story*) *Morning Glory?*, “Wonderwall” regularmente atinge cerca de 500.000 reproduções por semana (ou 750.000, se áudio e vídeo forem combinados), segundo a Alpha Data, fornecedora de análise de dados que alimenta as *Rolling Stone Charts*. Em 2019, Tim Ingham da *Rolling Stone* estimou que “Wonderwall” estava gerando cerca de US\$ 2.650 em royalties de música gravada no Spotify a cada 24 horas, ou US\$ 1 milhão por ano. Nos últimos anos, como observa Ingham, tem sido uma das poucas músicas do século anterior a aparecer no Spotify Top 200, uma parada dominada por faixas novas de música pop, hip hop e latina.

“Wonderwall” se destacou no momento em que foi lançada, não simplesmente porque não aderiu ao barulho acelerado da nova Invasão Britânica pelo qual o Oasis se tornou conhecido. Uma declaração de amor e apoio para alguém que estava batalhando, não tinha aquela arrogância que as músicas anteriores da banda tinham; era de coração aberto e sincera, com uma melodia e arranjo simples de músico de rua que faziam tanto o Oasis quanto Liam soarem vulneráveis. Desde o início, a música pareceu atemporal — uma sensação confirmada pelo fato de ter sido regravada cerca de 100 vezes. O One Direction harmonizou uma versão em uma praia; Ryan Adams e Cat Power transformaram cada um em peças melancólicas e minimalistas; Paul Anka a reconfigurou como

uma música de salão de “big band”; LeAnn Rimes fez dela uma balada pop-country; e o pianista Brad Mehldau a transformou em jazz. “Algo sobre ‘Wonderwall’ sempre me tocou”, diz Rimes. “Nos anos 1990, eu estava envolta em angústia adolescente completa, e era a trilha sonora perfeita para isso”.

Brian Monaco, presidente e diretor global de marketing da Sony/ATV Music Publishing, que administra a canção desde 1994, lembra de ouvir “Wonderwall” quando saiu pela primeira vez. “[O Oasis] estava saindo de todos aqueles grandes rocks e pensei: ‘Uau, isso é realmente interessante’”, Monaco recorda. “Coloca ênfase na voz de Liam sobre os instrumentos, e as emoções são muito diretas.” Monaco chama “Wonderwall” de uma das “músicas mais valiosas” da companhia — e seu catálogo inclui composições dos Beatles, Bob Dylan, Carole King, Stevie Wonder, Queen, Ed Sheeran e Lady Gaga.

Ao longo das décadas, os irmãos Gallagher se apaixonaram e desapaixaram por “Wonderwall”. Em 2019, depois de ter feito turnê com o Smashing Pumpkins, Noel se maravilhou com seu poder de permanência à revista britânica *The Face*. “A visão de dois góticos, um com camiseta do Rancid, um com camiseta do Kiss, com os braços um no outro, cantando ‘Wonderwall’ no Arkansas não é algo que você vê todo dia!”, ele disse. “E sem reação a nenhuma outra música que fizemos! O que há nessa música? É loucura”.

“EM TODO O MUNDO, EM QUALQUER CIDADE QUE VOCÊ QUEIRA NOMEAR, AS PESSOAS VÃO CANTAR ‘WONDERWALL’”
Noel Gallagher

Pela primeira vez, Liam quase concorda com seu irmão. “Não sei nada sobre Spotify e tudo isso”, ele diz. “Mas tudo que posso dizer é que as pessoas amam. E as pessoas odeiam. Não estou comparando com ‘Imagine’, mas muita gente diz: “‘Que se foda’, mas algumas pessoas dizem que é uma das melhores músicas por aí”.

Outro aspecto de “Wonderwall” que pode ser difícil de identificar é a inspiração por trás dela. Dado que foi escrita quando Noel estava junto com sua ex-esposa e empresária de clubes britânica Meg Mathews, muitos assumiram que a música é sobre ela. Talvez porque o casal se separou em 2000, Noel passou a descartar essa teoria: Como ele disse à *BBC Rádio 2*: “O significado dessa música foi tirado de mim pela mídia que pulou nela. E como você diz à sua mulher que não é sobre ela depois que ela leu? É uma música sobre um amigo imaginário que virá e te salvará de você mesmo”.

Liam reconhece o aceno do título ao álbum solo experimental de 1968 de George Harrison, *Wonderwall Music*, mas também sente que a música de seu irmão remete ao tempo em que eles escreviam notas e pensamentos no papel de parede de seus quartos quando crianças. “Mas obviamente isso não era significativo o suficiente para o Noel”, ele diz, “então ele decidiu dizer que era sobre alguma garota”.

Katrina Russell, no entanto, lembra do momento em que ouviu a música pela primeira vez. Uma das melhores amigas de Mathews na época e hoje em dia, Russell estava na casa que Noel e Mathews estavam compartilhando em Camden, Londres, quando Mathews lhe disse animada que seu namorado tinha escrito uma música que Russell precisava ouvir. “Eu disse: ‘Tudo bem, o que é?’ e ela disse: ‘É sobre mim!’” Russell recorda. Noel então apareceu e tocou “Wonderwall” no violão para elas. “Fiquei pasma”, Russell lembra. “Pensei: ‘O que é uma ‘wonderwall’?’ Disse isso para a Meg e ela falou: ‘Não pergunte!’ Mas era a música mais linda que já tinha ouvido na minha vida. Escrever uma música assim sobre alguém que você ama — fiquei um pouco com ciúmes de não ter sido escrita sobre mim”.

Quando o Oasis se reuniu no icônico estúdio Rockfield de Gales em maio de 1995 para começar a trabalhar em seu segundo álbum, Noel tocou a música para seu irmão. Liam estava longe de ficar impressionado. “No começo não gostei”, Liam diz. “Que porra de música é essa? Eu disse: ‘Não gosto disso — é meio esquisita.’ Achei da *vibe* do Police. Era meio Sting. Gosto das coisas mais pesadas. Eu disse: ‘Isso não combina comigo, cara.’” No final, os irmãos Gallagher decidiram dividir os vocais principais em “Wonderwall” e “Don’t Look Back in Anger”. Apesar de suas dúvidas iniciais, Liam pegou “Wonderwall”.

“Eu teria cantado as duas”, ele diz. “Mas ele conseguiu cantar uma delas. Sou o cantor da banda e esse era meu trabalho. E uma vez que cantei, percebi que é uma música boa pra caramba”.

Para uma música que viveria tanto tempo quanto viveu, “Wonderwall” foi criada incrivelmente rápido. Numa terça-feira daquele maio, Noel gravou sua base de violão acústico para a música com um metrônomo. Alan White, recém-contratado como baterista do Oasis, gravou sua parte por cima, depois do qual Noel adicionou partes adicionais de guitarra (incluindo uma elétrica) e tocou o baixo ele mes-

mo. Para complementar a qualidade suave da música, o guitarrista rítmico Paul “Bonehead” Arthurs optou por um Mellotron; um dos teclados ainda estava montado em Rockfield após ser usado numa sessão do Verve.

A faixa básica foi terminada naquela tarde. “Foi meio rápido”, o produtor Owen Morris recorda. “Quando Noel tocou inteira, ele estava incerto sobre como entrar e sair da ponte, e me perguntou qual era melhor, e eu disse a ele o jeito mais simples. Aquilo teria sido uma decisão de um minuto assim. Não houve muito drama”. (Liam, Morris lembra, não estava feliz que o bai-

xista Paul “Guigsy” McGuigan não estava na música: “Isso não é Oasis”, disse).

Na manhã seguinte, Liam bebeu um chá, deu talvez algumas tragadas de um cigarro, e sentou no microfone. “Naquele período, Noel cantaria uma música uma vez para o Liam no violão”, Morris diz. “Uma vez. Com todo o fraseado e algumas das linhas que ele tinha acabado de escrever. Então Liam entraria e cantaria uma vez do início ao fim. E ele sempre acertava o fraseado do começo ao fim. Achei isso bem estranho. Com ‘Wonderwall’, ele disse: ‘Vou cantar agora!’ E ele fez, acho, quatro



Liam revela que recebe poucos royalties de composição: “É por isso que ainda sou pobre”

gravações e pronto. As pessoas me perguntam: ‘Quão ultrajantes foram as sessões?’ Eu digo: ‘Nós só trabalhamos, na verdade’”.

Liam tem lembranças parecidas de um processo eficiente. “Eu estava sempre desesperado para chegar ao bar”, ele diz. “Assim que terminava meu canto, ia para o bar mais próximo. Não queria ficar sentado vendo as pessoas mexerem com guitarras e amplificadores”. Mais tarde naquele segundo dia, Noel gravou um piano no final da música, e um teclado Kurzweil foi usado para orquestração simulada. Ouvindo uma mixagem, Liam disse a Morris que seus vocais estavam muito altos e deveriam ser abaixados. “Essa foi a única vez que ele disse isso”, Morris lembra, rindo.

Uma vez que o álbum inteiro estava pronto, Morris expressou preocupação ao pessoal do Oasis sobre se “Wonderwall”, tão diferente de qualquer coisa que o Oasis tinha gravado até aquele ponto, era rock’n’roll o suficiente. Foi dito a ele para não se preocupar; contanto que Liam cantasse, era uma música de rock. Segundo Russell, que então trabalhava na gravadora da banda, Creation: “Era tão óbvio que ia ser um sucesso monstruoso. Vi o valor comercial nisso e simplesmente sabia que era um hino imediatamente. Captura o que tantas pessoas gostariam de dizer a uma pessoa que amam. Muitos caras especialmente têm dificuldade em expressar emoção, e é isso que aquela música faz.” Morris também lembra do chefe da Creation, Alan McGee — que estava na maior parte fora da cena na época, lidando com problemas de abuso de substâncias — dizendo ao produtor: “Isso é enorme, essa é a grande — coloque tudo nela”.

“Wonderwall” não foi o primeiro lançamento de *(What’s the Story) Morning Glory?*; foi precedida por “Some Might Say” e “Roll With It”. Mas foi a música do álbum que impactou mais, especialmente nos Estados Unidos, onde alcançou o número oito no Top 100 e passou 10 semanas no topo da parada de Músicas Alternativas. E conectou-se com mais do que apenas admiradores de rock de bar; era a música do Oasis para qualquer um com mais de 40 anos. Como Liam lembra: “Algumas músicas as pessoas pegam na hora, e acho que aquela foi uma delas.” Uma regravação meio cafonada de salão pelo Mike Flowers Pops se tornou um sucesso no Reino Unido durante o mesmo período, apenas adicionando à ubiquidade da música. “Lembro de entrar em bares e as pessoas estariam simplesmente cantando com a jukebox com os braços no ar”, diz Tim Abbot, então diretor-gerente da Creation.

Mesmo quando o Oasis passou por vários períodos tumultuados nos anos seguintes, “Wonderwall” perseverou. Em 2008, tornou-se o

ponto focal de uma briga entre Oasis e Jay-Z. Informado de que o rapper seria a atração principal do Festival de Glastonbury naquele verão, Noel soltou: “Desculpe, mas Jay-Z? De jeito nenhum. Glastonbury tem a tradição de música de guitarra... Não aturo hip hop em Glastonbury. Está errado.” No festival, Jay-Z subiu ao palco com uma guitarra no pescoço e fingiu tocar com a gravação do Oasis de “Wonderwall” (levando a uma cantoria massiva da multidão). Num show posterior no Madison Square Garden, Jay-Z reviveu “Wonderwall” de novo, e cantou: “Aquele cara do Oasis disse que eu não sabia tocar guitarra/Alguém deveria ter dito a ele que sou uma estrela do rock”.

“ALGO SOBRE ‘WONDERWALL’ SEMPRE ME TOCOU. NOS ANOS NOVENTA, EU ESTAVA ENVOLTA EM ANGÚSTIA ADOLESCENTE COMPLETA, E ERA A TRILHA SONORA PERFEITA PARA ISSO” *LeAnn Rimes*

Ao longo das décadas, Noel tem sido notoriamente indiferente em relação à música. “Em todo o mundo, em qualquer cidade que você queira nomear, as pessoas vão cantar ‘Wonderwall’”, ele disse recentemente. “Não gosto particularmente dessa música — acho ‘Cigarettes and Alcohol’ uma música muito superior.” Como ele disse a *Rolling Stone* em 2019: “Todos os grandes artistas têm uma dessas músicas. Tenho sorte de ter cinco. E é engraçado, de jeito nenhum é minha música favorita”.

Liam admite que teve períodos em que estava de saco cheio dela. “Fiz muitos shows onde digo: ‘Aqui está uma música que alguns de vocês não gostam’, mas faz todo mundo pirar”, ele diz. “Adoro tocar agora. No minuto em que você não adora, todo mundo desliga. As pessoas pagam uma grana boa pra caramba, e você deveria dar a elas o que você tem. A música é maior que nós”.

Aos 57 anos, Morris agora está felizmente aposentado e morando na Costa Rica graças aos direitos autorais gerados por aquela música e *(What’s the Story) Morning Glory?*. A Sony/ATV não divulga ganhos de direitos autorais, mas “Wonderwall” apareceu no filme de fantasia dos Beatles *Yesterday: A Trilha do Sucesso* (2019), num comercial atual da Renault e na série de televisão *Roswell, New México*. Liam admite que Noel, como compositor, recebe a maior parte daquele dinheiro. “Não recebo nada disso, cara”, Liam diz. “É por isso que ainda sou pobre. Os direitos autorais não chegam perto de mim. Se eu tivesse todo aquele dinheiro, seria um babaca como ele também”.

Para Russell, “Wonderwall” é uma lembrança vívida de um aspecto maior que a vida do negócio físico da música que parece tão antiquado quanto uma das primeiras brigas dos irmãos Gallagher no palco. Naquela época, foi dito a ela que o álbum vendeu em algum lugar na vizinhança de 25 milhões de cópias no mundo todo — uma cifra que agora parece inconcebível. “O dinheiro que estava sendo jogado por aí naquela época era insano”, Russell diz. “Ninguém jamais vai vender discos assim de novo. Adele e Coldplay são artistas incríveis e são grandes, mas nunca vão vender os milhões e milhões que Oasis vendeu. Foi um tempo, um lugar e um movimento que não acho que poderia jamais ser repetido. E aquela música foi 100 por cento sem dúvida solidamente a maior música que eles fizeram”.

“Wonderwall” pode muito bem ser um dos últimos grandes clássicos do que poderíamos chamar de era do rock. Desde meados dos anos 1990, apenas umas poucas músicas baseadas em rock — como “To Make You Feel My Love”, de Bob Dylan — foram gravadas por uma ampla gama de artistas de grande nome da forma que clássicos anteriores como “Yesterday”, dos Beatles, “Forever Young”, de Dylan, ou “Hallelujah”, de Leonard Cohen, foram. “Wonderwall” agora está naquela lista curtíssima.

Liam Gallagher concorda que “Wonderwall” escalou uma montanha particular. “Sei o que você quer dizer — definitivamente tem um lugar com os grandões, com certeza”, ele admite. “O engraçado é que nem sei tocar no violão, e é provavelmente uma das músicas mais fáceis de todas. As pessoas em festas ficam tipo: ‘Toca’, e eu digo: ‘Você toca então, porra’”.

COLLAB LEVI'S X OASIS: ESTILO & MÚSICA

Com campanha clicada por Michael Spencer Jones, fotógrafo responsável por capas da banda britânica, a coleção já está à venda no Brasil

A coleção *Levi's x Oasis* celebra o reencontro histórico da banda britânica e seu impacto também no estilo. Com peças que mesclam a estética icônica dos anos 1990 - com pegada contemporânea - a marca traz campanha estrelada pelo cantor e compositor Vitor Kley.

Sobre a novidade, o vice-presidente de colaborações da Levi's, Leo Gamboa, afirma: "Liam e Noel vestem Levi's há décadas. Esta coleção homenageia esta conexão genuína". A parceria é acompanhada por campanha fotográfica assinada por Michael Spencer Jones, fotógrafo responsável por algumas das capas mais emblemáticas do Oasis - como a do single *Wonderwall*.

Entre os destaques, cinco *tshirts* que reinterpretam logotipos clássicos do Oasis com as cores do Manchester City, o time do coração de Liam e Noel. A Levi's resgatou também detalhes autênticos da época, como etiquetas vintage e cortes inspirados em modelos originais da marca — incluindo a Type II Trucker Jacket, similar à Oasis Knebworth, produzida originalmente pela Levi's para a turnê de 1996. Outra peça de destaque é a camisa X Oasis Banded Collar, com listras tingidas em índigo como homenagem à cidade natal da banda. 🇬🇧



A coleção está disponível em levi.com.br e também na loja da Levi's no Morumbi Shopping

COMPLICADO E PERFEITINHO

Em seu último show solo, em 2022, em SP, Liam Gallagher disse que o Brasil venceria a Copa do Mundo — e errou a previsão

Liam Gallagher veio três vezes ao Brasil sem a banda que o consagrou; da última, agradou com show forte e respeitoso ao legado construído com Noel

Por **Igor Miranda**



“LINDOS”
Liam Gallagher dedicou
“Wonderwall” para
Gabriel Jesus e Ederson

No período em que o Oasis esteve inativo, Liam Gallagher veio três vezes ao Brasil. A primeira ocasião, em novembro de 2011, para performances no Rio e em São Paulo, se deu com o Beady Eye — banda montada logo após o rompimento com Noel e de curta existência, com apenas dois álbuns lançados. Já a segunda se deu como parte da edição 2018 do festival Lollapalooza, na capital paulista.

A megalópole foi visitada novamente, junto do Rio, em novembro de 2022. À época, Liam promovia *C'mon You Know*, seu terceiro disco solo. Em sua carreira à parte de qualquer banda, o Gallagher caçula abraçou de vez o classic rock que temperava os primórdios do Oasis. Deixou de tentar soar alternativo, como fazia no Beady Eye, e fugiu de qualquer abordagem experimental, diferentemente do irmão com o High Flying Birds.

Quem o assistiu em 2022 pôde testemunhar isso de perto e, claro, se divertiu como nunca. A carreira solo de Liam, diga-se, é talvez a maior responsável por manter vivo o interesse do grande público em assistir o

Oasis ao vivo. Nos últimos anos, ele voltou a cantar bem — algo que não fez em boa parte dos anos 2000 — e montou uma bandaça que soava idêntica a seu ex-grupo.

Em 2022, eram três guitarristas (Mike Moore, Jay Mehler e Barrie Cadogan, este último na vaga de Bonehead, afastado daquelas datas no Brasil para tratar de um câncer) e duas backing vocals (Frida Touray e Holly Quin-Ankrah), além de Drew McConnell no baixo, Dan MacDougall na bateria e Christian Madden — aproveitado pelo Oasis — nos teclados e piano. Fora Liam na meia-lua e chocalho. Se tivesse saxofonista, daria para chamar de Rolling Stones do britpop.

A robusta banda de apoio não era por acaso. Precisa-se de muitos músicos no palco para reproduzir fielmente a sonoridade do Oasis nos álbuns. Noel Gallagher apreciava técnicas de produção que deixavam o som grandioso, com forte uso de compressão e incontáveis camadas de faixas instrumentais. Por isso, às vezes, pensava-se que o som do agora ressuscitado grupo ficava “vazio” ao vivo. Era difícil fazer jus ao material

gravado. Mas, em 2022, Liam e seus contratados conseguiram. Pausa para a heresia: soava mais perfeito do que o próprio Oasis pré-reunião!

O mesmo set foi executado nas duas capitais, exceção feita a uma troca de faixa: “Soul Love” (Beady Eye) esteve em SP; no Rio, “C'mon You Know”. Das 17 músicas que compuseram o repertório, dez eram do Oasis, incluindo as catárticas aberturas “Morning Glory” e “Rock ‘n’ Roll Star”, a favorita de Noel “Some Might Say”, a grudenta “Supersonic” e dois hits com direito a dedicatória:

- **“Wonderwall”**: em São Paulo, dedicada a atletas brasileiros com passagem pelo time de futebol do cantor, Manchester City (citando o goleiro Ederson e o atacante Gabriel Jesus, à época já no rival Arsenal), e no Rio, oferecida a Zico, um dos maiores de todos os tempos;

- **“Live Forever”**: na principal cidade paulista, tocada em homenagem, acredite, à jaqueta de Liam.

Ao menos em São Paulo, Gallagher estava um pouco mais comunicativo que o habitual. Além das dedicatórias, brincou com o contexto pós-pandemia ao finalizar “Roll It Over”: “Como está a vida? Não tem mais covid?” Antes de “Soul Love”, diz que vai tocar Slipknot. Mas foi uma noite de pouco papo e aproximadamente 90 minutos de som. Quem pôde assistir ao cantor em 2022 não se surpreende com a qualidade do atual show do Oasis. Parte disso vem do capricho dado pelo caçula a seu trabalho solo.

Setlist em São Paulo — 2022:

1. Morning Glory
2. Rock ‘n’ Roll Star
3. Wall of Glass
4. Everything’s Electric
5. Stand by Me
6. Roll It Over
7. Slide Away
8. More Power
9. Soul Love
10. Diamond in the Dark
11. The River
12. Once
13. Some Might Say
14. Supersonic
15. Wonderwall
- Bis:**
16. Live Forever
17. Champagne Supernova

CONTÉM IRONIA



Última vinda solo do Gallagher mais velho ocorreu como parte do lineup do Summer Break Festival 2018

Por **Pedro Antunes***

Com a apresentação em São Paulo, na Arena Anhembi, na noite de 8 de novembro de 2018 encaminhada, Noel Gallagher se aproxima do microfone a sua frente: “Uma pergunta idiota: algum fã do Oasis por aí?” Tão sincero, tão típico de um dos irmãos Gallagher, Noel e Liam, que formavam o coração da banda de Manchester, encerrada em 2009, após a milionésima (talvez) briga entre ambos.

Tão óbvia quanto a pergunta era também a resposta do público ali presente (10 mil pessoas, de acordo com a produtora do show). “Yeaaaaaaahhh”, gritaram do lado de cá. Era claro, né, Noel.

Essa é a sua benção e sua maldição, meu caro Gallagher. Seus filhos, e do seu irmão, caso se aventurem pela música, serão cobrados pela obra do grupo construída com sucesso, principalmente nos anos 1990.

Mas Noel parece saber lidar com esse fantasma do passado. Zomba dele por vezes, é verdade, como se ouve em “Little by Little”, a primeira da antiga banda executada na noite. Canta baixo, deixa que o público dê peso ao refrão.

Redime-se, é verdade, com “Wonderwall” e “Don’t Look Back In Anger”, as suas principais músicas do catálogo do Oasis mostradas em São Paulo. O público, que no intervalo das sessões dedicadas ao atual projeto de Noel, os High Flying Birds, arriscou corajosamente alguns coros por Oasis, vibrou. Cantou junto. Fez sua festa nostálgica.

Grande compositor de canções, um dos melhores da sua geração, Noel segue buscando o alvo. Trouxe sua banda em peso, com trio de

metais e duas backing vocals (uma delas “tocou” uma tesoura, como uma espécie de percussão). Eram 11 pessoas no palco!

Foram quatro discos lançados com os High Flying Birds. O mais irregular deles, *Chasing Yesterday*, foi pouco lembrado. Mas os bons singles dessa nova fase, como “AKA... What I a Life!”, “If I Had a Gun” e o “Holy Mountain” ganharam um fôlego a mais ao vivo. Mereciam também mais atenção de um público que se dispersou ao final do hit “Wonderwall”.

Mas a figura de Noel, sua famosa rabugice, também fazem parte do espetáculo. Para integrar a cultura pop é preciso ter mais do que um punhado de boas músicas, afinal. Noel se diverte com isso, o mito criado em torno de si, e cria momentos de gargalhadas também.

“Choveu o dia inteiro! Uau! Ninguém me avisou que chovia no Brasil!” Talvez Noel tenha de fato esquecido que, em São Paulo, já enfrentou uma tempestade com o Oasis. Talvez fosse charminho. O que importa?

DEBOCHADO
Noel Gallagher disse,
em 2018, que tocaria
as músicas do Oasis
que estivesse a fim

O inglês, fã fervoroso de Fernandinho e Gabriel Jesus, então jogadores brasileiros do seu time do coração, Manchester City, ainda se deu ao trabalho de negar canções pedidas pelo público, em mais um divertido momento ao microfone.

“Não. Eu não vou tocar essa música”, ele disse. “Também não vou tocar ‘The Importance of Being Idle’”, responde, sobre outro clássico do Oasis. “Porque eu toco o que eu quero. Não o que você quer”, diz, jocoso.

A seguir, o restante desse diálogo, que exprime perfeitamente quem é o Gallagher mais velho.

“Se você tivesse vindo ao camarim e pedido, talvez.”

“Ah, você tentou...”

“É seu aniversário? Sério? E daí?”

“Quantos anos você tem?”

“Vinte anos? Mentira. Parece ter 21!”

Rabugento? Sim. De um jeito talvez adorável, talvez detestável. Inevitável. Mais uma herança dos tempos de Oasis. 🎸

Setlist em São Paulo — 2018:

- 1. Fort Knox**
- 2. Holy Mountain**
- 3. Keep On Reaching**
- 4. It's a Beautiful World**
- 5. In the Heat of the Moment**
- 6. If I Had a Gun...**
- 7. Dream On**
- 8. Little by Little**
- 9. Whatever**
- 10. The Man Who Built the Moon**
- 11. She Taught Me How to Fly**
- 12. Half the World Away**
- 13. Wonderwall**
- 14. AKA... What a Life!**
- 15. The Right Stuff**
- 16. Go Let It Out**
- 17. Don't Look Back in Anger**
- 18. All You Need Is Love**

TRETA

Da pancadaria nos bastidores às guerras no Twitter: como a rivalidade destrutiva entre os irmãos Gallagher — dentro e fora do Oasis — virou lenda do rock mundial

Por **Daniela Swidrak**

Desde os anos 1990, Liam e Noel Gallagher cultivam uma das relações mais conturbadas (e públicas) do rock. Se a música os uniu, o ego os separou, e, desde então, cada novo passo da dupla vinha acompanhado de farpas, entrevistas ácidas, momentos bizarros e muitos tuítes. Em 2024, eles surpreenderam o mundo ao anunciar uma turnê de reunião do Oasis e uma pergunta ficou evidente: eles chegariam até o fim sem brigar?

Relembre, em ordem cronológica, as maiores brigas da história dos irmãos Gallagher, uma saga tão caótica quanto icônica.





Setembro de 1994: O pandeiro

Na noite inaugural da primeira turnê do Oasis pelos Estados Unidos, no Whisky a Go Go, em Los Angeles, Liam, embriagado, insultou a banda e o público e arremessou um pandeiro na cabeça de Noel.

Noel estava exausto com a situação, com brigas e uso de drogas, na qual ele alegou que todos, exceto ele, estavam “chapados de metanfetamina” e, furioso, abandonou a turnê e fugiu para São Francisco.

Ele retornou à banda após intervenção da gravadora Creation Records e usou o incidente como inspiração para a faixa “Talk Tonight”.

Anos depois, Noel passou a ridicularizar Liam como um “pandeiro imprevisível”.



1995: O taco de críquete

Durante as gravações de *(What's The Story) Morning Glory?* no País de Gales, Liam levou convidados do pub para o estúdio, interrompendo o trabalho de Noel.

Noel ficou furioso e, em uma briga, pegou um taco de críquete que estava próximo e acertou Liam na cabeça.

O taco, inicialmente jogado no lixo, foi recuperado pelo escritor Paulo Hewitt e, anos depois, vendido em leilão (um fórum de fãs em 2011 revelou que ele foi originalmente anunciado no eBay por US\$ 1.800), com certificado de autenticidade.

Novembro de 1995: A discussão vazada

Uma entrevista dos irmãos Gallagher ao jornalista John Harris, do *NME*, transformou-se em uma briga de 14 minutos que expôs o relacionamento tóxico entre Liam e Noel. A discussão girou em torno do comportamento selvagem de Liam, duramente criticado por Noel.

De forma inesperada, a gravação foi lançada como single em novembro de 1995, batizado de “Wibbling Rivalry”, alcançando a posição 52 nas paradas britânicas e se tornando o single de entrevista mais vendido da história. O lançamento confirmou que a rivalidade entre os irmãos não era marketing, mas a realidade crua no coração do Oasis, solidificando a imagem de que a genialidade do grupo estava ligada à sua dinâmica familiar destrutiva.



Agosto de 1996: MTV Unplugged e turnê americana

O *MTV Unplugged* do Oasis, marcado para acontecer no Royal Festival Hall em Londres logo após os memoráveis shows de Knebworth, deveria ser um dos grandes momentos da banda, mas Liam tinha outros planos. Quando a apresentação estava prestes a começar e o anúncio ecoou pelo teatro, Noel e os demais músicos entraram no palco apenas para perceber que o vocalista havia sumido.

O mais irônico é que a banda tinha se preparado intensamente por duas semanas, mas Liam apareceu em apenas três ensaios. Em uma dessas raras presenças, gesticulou apontando para a garganta, dando a entender que estava com problemas vocais. A justificativa, no entanto, perdeu toda a credibilidade quando ele escolheu assistir à gravação da plateia, passando o tempo todo provocando Noel entre goles de bebida e tragadas de cigarro.

A situação se repetiu semanas depois, quando Liam largou a turnê americana, obrigando Noel a assumir os vocais principais. Embora tenha voltado ao grupo após três dias, o estrago estava feito: a turnê inteira foi cancelada quinze dias após o início.

Maio de 2000: Barcelona e a filha de Noel

Quando o baterista Alan White machucou o braço às vésperas do show do Oasis em Barcelona, no ano 2000, a apresentação foi cancelada e a banda decidiu afogar as mágoas na bebida. O que começou como uma tentativa de descontração rapidamente degingolou em um confronto explosivo entre os irmãos.

Durante a briga, Liam teria feito comentários desrespeitosos sobre Anaïs, filha de Noel com sua ex-esposa, Meg Matthews, colocando em dúvida a paternidade do irmão. A provocação foi o estopim: “Noel partiu para cima de Liam instantaneamente, desferindo socos que cortaram o lábio do irmão”, noticiou o *The Guardian* na época. “Logo depois, Noel abandonou a turnê, deixando o restante da banda seguir a turnê europeia sem ele”.

Cinco anos mais tarde, em entrevista à revista *Q*, Noel deixou claro que a ferida permanece aberta: “Nunca o perdoei porque ele nunca pediu desculpas.”

Dezembro de 2002: Munique e a treta com a polícia

Após abandonar o palco em vários shows devido a problemas com a voz, Liam encerrou o ano em Munique chutando um policial alemão no peito e iniciando uma briga em um bar, na qual perdeu vários dentes. Noel se recusou a falar com o irmão após o incidente.

Junho de 2005: Abandono do palco

A paciência dos fãs do Oasis foi testada inúmeras vezes ao longo dos anos. Em junho de 2005, no Heineken Jammin' Festival na Itália, veio mais um desses momentos: tudo corria bem até que Liam simplesmente abandonou o palco no meio de “Champagne Supernova”, um dos maiores hinos da banda, deixando plateia e músicos atônitos.

O episódio escancarou o quanto a relação entre os irmãos estava deteriorada, sustentada por um fio prestes a se romper. Meses depois, em outubro daquele ano, Noel deu uma entrevista reveladora à revista *Spin*, expondo as táticas que havia desenvolvido para lidar com o irmão. “Aprendi que, em vez de discutir com ele até chegarmos às vias de fato, é melhor mexer com o psicológico dele. Agora ele está completamente perturbado por minha causa e, na verdade, tem pavor de mim.”



2008: “Garfo no mundo de sopa”

O ano de 2008, véspera do colapso definitivo da banda em 2009, rendeu algumas das declarações mais hilariantes da rivalidade entre os irmãos. Em resposta a uma entrevista publicada anteriormente, Noel disparou ao jornal britânico *Herald Sun*: “Não sei quem é o cara dessas entrevistas, ele parece muito legal, porque o sujeito com quem toco há 18 anos é um completo idiota.”

Pouco depois, Noel superou a si mesmo em entrevista à *Q*, descrevendo Liam como “o homem mais raivoso que você conhece”. É como um homem com um garfo em um mundo de sopa”.

Dez anos depois (porque rancor só é rancor se durar para sempre), Liam respondeu à altura no Twitter com um vídeo de si comendo sopa com um garfo, numa referência direta à comparação feita por Noel.



Agosto de 2009: A separação final em Paris

Após anos de confrontos públicos, declarações venenosas à imprensa e repetidas deserções em palcos e festivais, Oasis chegou ao seu limite em agosto de 2009. O estopim veio nos bastidores do festival Rock en Seine, em Paris, quando uma discussão escalou para a violência. Testemunhas relatam que Liam empunhou a guitarra de Noel com a intenção clara de atacá-lo. “Ele estava extremamente violento. Não houve agressão física naquele instante, mas parecia uma cena de luta livre americana. Foi um ato desnecessariamente brutal e ele quase desfigurou meu rosto”, recordou Noel.

Dias antes, a banda já havia dado sinais do colapso iminente ao cancelar de última hora sua participação no V Festival, na Inglaterra. Enquanto Liam justificou a ausência alegando problemas na garganta, Noel desmentiu posteriormente a versão, afirmando que o irmão estava simplesmente de ressaca. A contradição pública irritou tanto Liam que ele moveu uma ação por difamação contra Noel, posteriormente abandonada.

O episódio parisiense foi a gota d’água. Horas após a briga, Noel anunciou sua saída através do site oficial da banda, deixando claro que a decisão era irreversível e tinha nome e sobrenome: “É com certa tristeza e enorme alívio que anuncio minha saída do Oasis nesta noite. Que digam e escrevam o que quiserem, mas eu simplesmente não aguentaria trabalhar com Liam por mais um único dia.” Anos depois, ele revelou à *NPR* a rapidez brutal do fim: “Estávamos nos bastidores prestes a tocar para 30 mil pessoas em Paris. O empresário entrou avisando que faltavam cinco minutos. A banda acabou dentro desses cinco minutos. Não me orgulho de como aconteceu, mas tudo tem seu prazo de validade.”

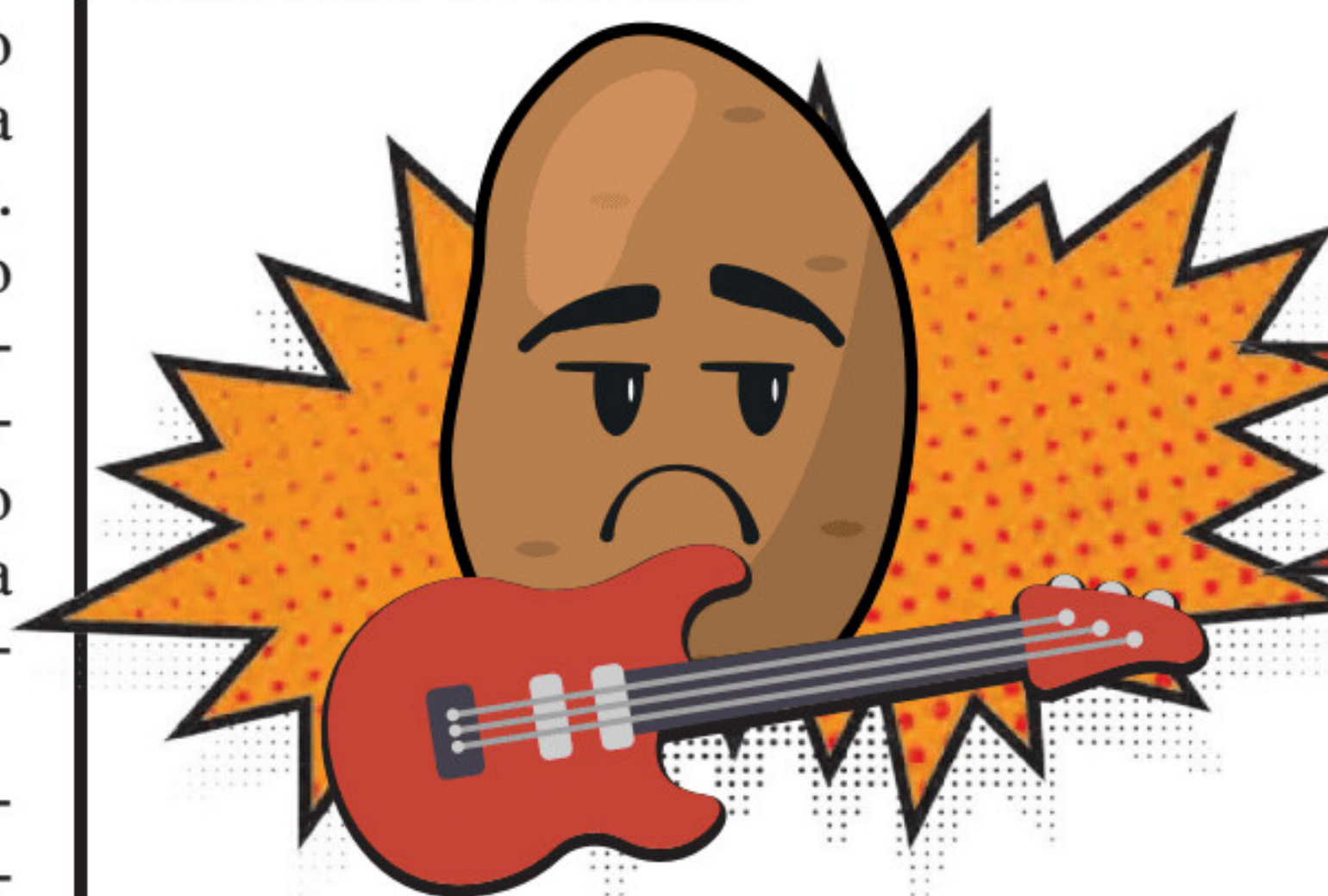
Novembro de 2010: Liam ignora Noel no Brit Awards

Oasis já era veterano do Brit Awards quando recebeu sua última homenagem em 2010: o prêmio de melhor álbum dos últimos 30 anos por *(What’s the Story) Morning Glory?*. O detalhe? A banda já havia acabado. Mesmo assim, Liam apareceu sozinho para receber o troféu. No palco, agradeceu aos demais integrantes da banda e “aos melhores fãs do mundo, porra!” antes de arremessar o prêmio para a plateia. Uma pessoa, porém, ficou fora dos agradecimentos: Noel.

Posteriormente, Liam justificou a omissão deliberada. “Estou farto de tudo girar em torno de mim e do Noel”, explicou, por isso decidiu destacar os fãs e os outros músicos. A estratégia, no entanto, teve o efeito oposto, a ausência do nome de Noel se tornou o assunto principal da noite.

Dezembro de 2011: Liam sobre a nova banda de Noel

A separação não trouxe paz, apenas mudou o campo de batalha. Em 2011, Liam concedeu uma entrevista na qual debochou do novo projeto do irmão, rebatizando a banda de Noel de “High Flying Turds” (Merdas Voando Alto, em tradução livre) e comparando sua aparência a de um integrante da boy band Westlife. Três anos depois, Noel retrucou com ironia característica: não se importava com a comparação, desde que não parecesse com Louis Walsh, empresário do Westlife.



Mai de 2016: A batata

Liam elevou a briga a um novo patamar de absurdo ao publicar no Twitter uma foto de Noel com a legenda simplesmente: “POTATO” (“BATATA”). Não havia contexto, explicação ou motivo aparente, apenas a comparação aleatória. Mas Liam achou tanta graça na própria piada que repetiu a dose pelo menos meia dúzia de vezes ao longo do ano seguinte, sempre associando o irmão ao tubérculo.

A resposta de Noel veio com o cinismo de sempre: “Imagino que seja a forma dele de se manter relevante. Se você fosse ele, sobre o que mais teria para tuitar?”



Junho de 2017: Show beneficente em Manchester

A rivalidade entre os irmãos ganhou contornos mais sombrios após o atentado terrorista durante um show de Ariana Grande na Manchester Arena. Liam fez uma aparição surpresa no show beneficente One Love Manchester, organizado às pressas em 4 de junho, onde interpretou algumas músicas do Oasis, incluindo uma emocionante versão de “Live Forever” ao lado de Chris Martin, do Coldplay, demonstrando seu amor pela cidade natal.

No dia seguinte ao evento, porém, Liam atacou Noel publicamente no Twitter por não comparecer ao show de apoio a Manchester, chamando o irmão de “desgraçado patético”.

Os organizadores do One Love saíram em defesa de Noel, esclarecendo que “nem Noel nem o Oasis foram cogitados para se apresentar... Vamos manter a positividade, por favor”.



2020: A demo polêmica

Em 2020, Noel lançou uma versão demo de “Don’t Stop...” do Oasis sem os vocais de Liam e sem o trabalho do guitarrista Paul “Bonehead” Arthurs. A resposta de Liam no Twitter foi imediata e ácida: “Ei, garoto do tofu, se vai lançar demos antigas, certifique-se de que eu esteja cantando e o Bonehead tocando guitarra, senão não vale uma punheta”, finalizando com sua assinatura característica: “Como sempre, LG x.”

O apelido “garoto do tofu” era mais uma das provocações de Liam, desta vez zombando das escolhas alimentares do irmão. 🍷

